

Permanecerá sempre viva nos corações dos povos do mundo inteiro

A GLÓRIA IMORTAL DE STÁLIN



Ontem, dia 5 de março, foi divulgada em Moscou o seguinte comunicado do Comitê Central do Partido Comunista, do Conselho de Ministros da União Soviética e do «Presidium» do Soviet Supremo aos membros do Partido e a todos os trabalhadores da União Soviética:

Cárcas camaradas e amigos

O C.C. do Partido Comunista, o Conselho de Ministros e o «Presidium» do Soviet Supremo têm o profundo pesar de informar que, em 5 de março, às 21 horas e 30 minutos, após uma penosa enfermidade, faleceu o presidente do Conselho de Ministros da URSS e secretário da Comissão Central do Partido Comunista da União Soviética, Josef Vissarionovitch Stálin.

O coração do companheiro de armas e continuador genial da obra de Lenin, sabio mestre e guia do Partido Comunista e do povo soviético, Josef Vissarionovitch Stálin, deixou de pulsar.

O nome de Stálin é infinitamente querido a nosso Partido, ao povo soviético e aos trabalhadores do mundo inteiro. Com Lenin, o camarada Stálin criou o poderoso Partido dos comunistas, que educou e forjou, junto com Lenin. O camarada Stálin foi o inspirador e chefe da Grande Revolução Socialista de Outubro, fundador do primeiro Estado Socialista do Mundo.

Continuando a obra imortal de Lenin, o camarada Stálin conduziu o povo soviético à vitória, de importância histórica mundial, do socialismo em nosso país.

O camarada Stálin conduziu nosso país à vitória sobre o fascismo na segunda guerra mundial, o que fez mudar radicalmente a situação internacional.

O camarada Stálin armou o Partido e todo o povo soviético com um programa grandioso e claro da edificação do comunismo na URSS.

A morte do camarada Stálin, que consagrou toda a sua vida à grande causa do Comunismo, é uma duríssima perda para o Partido, para os trabalhadores do país soviético e do mundo inteiro.

A notícia do falecimento do camarada Stálin repercutirá dolorosamente nos corações dos operários, dos colcosianos, dos intelectuais, de todos os trabalhadores de nossa pátria, nos corações dos combatentes de nosso valoroso exército e dos marinheiros de nossa armada, nos corações dos milhões de trabalhadores de todos os países do mundo.

Nestes dias lutosos, todos os povos de nosso país estreitarão ainda mais seus laços, numa grande família fraternal sob a provada direção do Partido Comunista, criado e educado por Lenin e Stálin.

O povo soviético manifesta ilimitada confiança e carinho ao seu amado Partido Comunista, já que sabe que a supremacia da lei de toda a atividade do Partido é servir aos interesses do povo. Os trabalhadores, os colcosianos, os intelectuais soviéticos, todos os trabalhadores de nosso país seguem inalteravelmente a política elaborada por nosso Partido, política que corresponde aos interesses vitais dos trabalhadores e que tende ao fortalecimento

(CONCLUI NA 3a. PÁGINA)

Governo de Traidores da Pátria!

OS acontecimentos recentes contribuem para resmascarar ainda mais o governo de Getúlio Vargas como um governo de traidores da pátria e inimigos do povo brasileiro. Dia a dia aumenta a contradição entre o que o governo faz e aquilo que o povo necessita e exige.

Foi desafiando despididamente a vontade da maioria esmagadora do povo brasileiro que o governo fez passar na Câmara dos Deputados, em primeira discussão, o infamante acordo militar. Enquanto diariamente chegavam às mãos dos deputados centenas e milhares de assinaturas de todos os pontos do país em memoriais, telegramas e mensagens de repúdio e condenação ao acordo militar, Getúlio fez grande pressão em sentido contrário, no sentido da aprovação. O clima de pressão governamental chegou ao cúmulo da ida à Câmara do gal. Mascarenhas de Moraes, na qualidade de chefe do Estado Maior das Forças Armadas, para exigir a aprovação do acordo a ponta de espada. Isto acontece quando o general americano Beiderlinden dá ordens dentro do Ministério da Guerra e chegam novos oficiais lanques ao Brasil, arrogantes como conquistadores em terra ocupada.

Não está alheia a estes fatos a viagem aos Estados Unidos do próprio ministro da Guerra de Getúlio, o general Ciro Cardoso. Que vai fazer no covil dos incendiários de guerra esse conhecido agente do imperialismo americano, autor de discursos fascistas, executor das ordens de Getúlio para o encarceramento e a tortura de soldados e oficiais patriotas? Vai tratar de medidas para atrasar o Brasil à guerra, para o envio de tropas a Coreia. Não é por acaso que sua viagem coincide com a manobra criminosa do «voluntariado», patrocinada abertamente pelo governo de Getúlio e por generais americanizados como Cordeiro de Farias e Zenóbio da Costa.

Desta política ignominiosa de guerra e traição nacional faz parte o recente e vergonhoso negócio de colares para pagamento aos monopólios americanos que dominam nosso comércio exterior. Além de impedir que comercie livremente com outros países, os americanos impõem preços e condições de escravização. Esse empréstimo do qual não virá um centavo para o Brasil obriga-nos a pagar 310 milhões e 500 mil dólares pelo que foi comprado a 300 milhões.

O que se verifica é que o governo de Getúlio faz uma nova dívida, maior, para «pagar» velhas dívidas, sistema que há mais de um século acorrenta o Brasil aos banqueiros estrangeiros. E com um repugnante cinismo ainda apresenta ao povo esse empréstimo humilhante como se este fosse um grande favor dos americanos. É neste ponto que chegou um governo de vendilhês e negociastas que trafica com a honra e a independência da pátria.

Estes fatos confirmam cada dia mais que o governo de Getúlio é o sustentáculo da dominação americana no Brasil. Não é possível lutar contra a opressão americana sem lutar contra o governo que é o capataz do imperialismo lanque em nosso país.

A luta contra o acordo militar e o envio de tropas para a Coreia, contra a militarização do país e a carestia da vida, não pode ser separada da luta contra o regime de tráfego nacional dos grandes fazendeiros e grandes capitalistas representado pelo governo de Getúlio, lacaio do imperialismo lanque.

Nesta luta o povo brasileiro há de implantar um novo regime, um governo democrático popular que realize uma política de paz e liberte o Brasil do domínio lanque.



VOZ DOS LEITORES

Assassinado Um Líder Camponês

Na localidade paulista de Ameliópolis, vem de ser assassinado o líder camponês José Honorato de Lemos. O crime foi cometido pela polícia, na calada da noite quando Honorato se dirigia a residências de alguns outros camponeses, na sua incansável atividade para esclarecê-los sobre a forma de salar a situação de penúria e fome em que vivem.

José Honorato de Lemos, mártir das lutas do nosso povo por uma vida melhor, foi durante muito tempo um zeloso e eficiente agente da VOZ OPERÁRIA, em Presidente Prudente, muito tendo feito pela difusão deste semanário entre os camponeses da Alta Sorocabana. Os que o conheceram e com ele privaram, os que buscavam ensinamentos em suas palavras, os comunistas, seus camaradas, exigem vingança «Morte aos assassinos de Honorato» é um brado que ecoa na região e enche de pavor os bandidos que o mataram.

O exemplo de sua vida generosa, o sangue derramado por José Honorato frutificarão. Unidos aos seus irmãos operários, os camponeses brasileiros derrotarão os latifundiários e seu governo; vingarão os seus mortos; conquistarão um regime justo e humano, onde os direitos do povo não sejam pisoteados, porém constituam a própria razão de ser do regime. —

(Correspondência do leitor J. G. — São Paulo S. P.).

Nos açudes do Piauí

Venho por meio desta denunciar os crimes dos dirigentes das construções dos açudes públicos do interior dos Estados nordestinos, como seja o de Cajazeiras, no Piauí. Estive em contacto com operários desta construção e indaguei como iam os trabalhos.

— Aqui, responderam, é muito difícil ser construído o açude.

— Falta tudo. O que sobra é negociata e exploração.

E os operários foram contando:

— O engenheirinho só cuida de farras e bebedeiras, enquanto os operários não tem direito a nada. Veja, as mercadorias são controladas

pelo fornecedor e o engenheiro. Não temos dinheiro nem para fazer o enterro dum filho. Temos que pedir esmolas para que o cadáver não fique exposto. Mesmo quando se pede dinheiro para comprar um remédio eles dizem que a ordem do chefe é não dar nem um centavo. Sabe por que? Para nos obrigar a comprar no barracão com um aumento de 30 a 50 por cento. Todas mercadorias são de má qualidade. O fiscal geral é um tal Moreira que vive a «cortar» operários honestos e trabalhadores. É um puxa-saco do engenheiro Abdias Veras. O jipe do engenheiro não des cansa viajando para Picos, para os cabarés de Fortaleza e Cratêus. Aqui ficam só o Moreira e um tal Lulz do escritório. Se este fiscal não pegar conversando com o sr. éie nos «corta» e vai perguntar o que o sr. quer, atrasando o trabalho.

Verifiquei que o mesmo acontece no açude do Latão, município de Santanópolis. Não há dinheiro nem material. O engenheiro trabalha com máquinas velhas e imprestáveis. O médico reside a oito léguas da obra. Ninguém recebe um centavo durante o mês, com dinheiro na mão, os operários iriam fazer compras nas feiras e não no barracão, onde a tabela do engenheiro tem aumentos escorchantes sobre os preços do comércio. As diárias são de 16 cruzeiros para os casados e 14 cruzeiros para os solteiros. Operário velho não tem direito ao trabalho, porque, dizem eles, não dá boa produção. Como nos demais açudes o barracão é controlado em sociedade pelo engenheiro e o fornecedor.

Quem escreve esta é um operário que viaja e agradece a publicação. Viva a Democracia Popular.

O prefeito não quer escolas

Santa Albertina, comarca de Jales, tem como prefeito o dr. Euphli Jales, amicus do professor Garcez. Como é natural no meio dessa gente, Euphli faz toda sorte de bandalheiras e Garcez o protege com sua polícia. Assim é o regime bandalheiras garantidas pela polícia.

Euphli não respeita ninguém. Por causa da derrota do PSP partido do bandido Ademair, nas eleições municipais, o prefeito mandou seus jagunços darem uma surra no vigário. A casa do sacerdote foi invadida e ele foi covardemente espancado. Por causa do escândalo um dos espancadores foi preso por duas horas, pois o delegado achou que não era crime visto o padre andar metido em política. Até agora não se sabe de nenhum protesto do arcebispo junto ao católico Garcez.

Mas as principais vítimas da perseguição são os camponeses. Os camponeses de Santa Albertina, vendo que o prefeito não cumpre as promessas eleitorais de dar escolas e estradas, resolveram fazer uma escola com seu próprio sacrifício. Arrendaram o local apropriado

em um sítio pertencente ao camponês Evangelista e deram início à construção do prédio escolar. Qual não foi sua surpresa ao serem notificados que o dr. Euphli Jales não queria mais escolas rurais no município de Jales!

No Córrego do Bonito, os camponeses construíram uma escola com sacrifícios enormes. Estudavam ali 45 crianças. A escola foi fechada, a professora foi retirada, porque os camponeses não votaram no PSP.

Por que tudo isso? O governo não faz, a prefeitura não faz e não deixa que os camponeses façam. Os camponeses já sabem porque isso acontece. Euphli e Garcez são os representantes duma classe que quer mantê-los na ignorância para melhor mantê-los como escravos e desunidos. É por essa razão que os jornais dessa gente atiram as mais cínicas calúnias contra os comunistas. É por isso que eles perseguem os camponeses. Num comício desse tipo disse: «Não precisamos dos votos dos pés descalços e pingüços».

Os camponeses de Santa Albertina já mostraram seu repúdio ao Acordo Militar de Getúlio com os Estados Unidos, coletando 120 assinaturas, pois não desejam continuar vendo os laços do imperialismo americano, como Euphli e Garcez fechar escolas, escravizar a classe operária e os camponeses e muito menos os americanos tomando conta de nossa terra.

E. Arruda (São José do Rio Preto, S. Paulo).

“Os imigrantes e nós”

Nosso leitor Paulo B. Gomes dirige-se à redação, escrevendo a propósito da diferença de tratamento dispensado pelo governo aos imigrantes e aos camponeses brasileiros, num trabalho intitulado «Os imigrantes e nós».

Diz Paulo B. Gomes que «a imigração europeia se processa com mais intensidade nestes últimos anos, como imperiosa necessidade para o aproveitamento rápido de nossas terras sedentas de boas sementes».

Mas conclui: «Devemos receber de braços abertos os imigrantes realmente agricultores que nos venham prestar sua colaboração; mas jamais colocá-los acima de nós, acima daqueles que sabem viver ou morrer pelo Brasil».

RESPOSTA DA REDAÇÃO

Somos de opinião que a questão seria apresentada corretamente da seguinte forma: Não somos contra a imigração. Mas o problema da terra em nossa pátria não será jamais resolvido pela imigração. O governo promove a imigração, alegando que isso é o meio de enfrentar a «falta de braços», que age assim, é para aumentar a produção. O próprio sr. Paulo Gomes está um tanto influenciado pela mentirosa propaganda

do governo, ao dizer que isso é «uma imperiosa necessidade para o aproveitamento rápido de nossas terras sedentas de boas sementes» e exalta os imigrantes realmente agricultores.

A solução para o problema da terra em nossa pátria é a reforma agrária, é a extinção do latifúndio, é entregar a terra a quem a trabalha, é a aplicação da que indica Prates no Manifesto de Agosto de 1950. O governo agita a questão da imigração porque não quer fazer a reforma agrária, porque é um governo de latifundiários cuja missão é manter isso que aí está: milhões de camponeses sem terra, explorados e oprimidos por um punhado de senhores feudais. Quando a terra for dos camponeses não haverá falta de braços, nem falta de produção.

Veja-se o que acontece quando chegam ao Brasil camponeses europeus, imigrantes realmente agricultores no exemplo dos italianos que fizeram greve nas fazendas paulistas e resolveram retornar à sua pátria. O verdadeiro agricultor europeu não pode suportar as condições de vida e de trabalho nos latifúndios. Esses imigrantes retornam à pátria. Nossos irmãos camponeses fogem para as cidades.

A luta, portanto, é pela reforma agrária, contra o latifúndio pelo ponto quarto do problema da Frente Democrática de Libertação Nacional.

Palmítal é uma terra que está à mercê da polícia e dos ladrões. A agente do Correio é ligada com a polícia. Essa senhora, Genir Machado, e mais o policial Marcelino Penteado vasculham jornais, cartas, enfim toda a correspondência que chega.

Comenta-se muito a seguinte «coincidência». Em certos dias a polícia revisita todas as pessoas que estão nos bares e nas ruas, nos bazares, farmácias, etc. Quando isto acontece é porque à noite haverá assaltos nas ruas e nas estradas. Pois, nesses dias de revista por causa do porte de armas, a polícia sabe e, portanto, os bares também ficam sabendo, que podem agarrar mais a vontade.

J. Pereira

VOZ OPERÁRIA

Diretor Responsável	
JOÃO BATISTA DE LIMA E SILVA	
MATRIZ: Av. Rio Branco, 267 - 17º andar - Sala 1712 SUCURSAS	
SAO PAULO	- Rua dos Estudantes, 24 - Sala 29;
P. ALEGRE	- Rua Voluntários da Pátria, 527 - Sl 48
RECIFE	- Rua da Palma, 295 - Sala 205 - Ed. Sacl;
SALVADOR	- Rua Saldanha da Gama, 22 - térreo;
FORTALEZA	- Rua Barão do Rio Branco, 1248 - Sl 22
ASSINATURAS	
Anual Cr\$ 60,00
Semestral Cr\$ 30,00
Trimestral Cr\$ 15,00
N.º Avulso Cr\$ 1,00
N.º atrasado Cr\$ 1,00
Este Semanário é reimpresso em 8 PAÍSES - RECIFE - PORTO ALEGRE - FORTALEZA - SALVADOR - BELEM.	

Permanecerá sempre viva nos corações dos povos do mundo inteiro

A GLÓRIA IMORTAL DE STÁLIN

(CONCLUSÃO DA 1ª. PÁGINA)
Incremento constante do poderio de nossa Pátria socialista.

A justeza da política do Partido Comunista está provada por dezenas de anos de lutas que conduziram os trabalhadores do país soviético às históricas vitórias do socialismo.

Inspirados por essa política, os povos da URSS, sob a direção do Partido, marcham com segurança para a frente, para novos êxitos da construção comunista em nosso país.

Os trabalhadores de nosso País sabem que a melhora sucessiva do bem-estar material de todos os setores da população, dos trabalhadores, dos colcosianos, dos intelectuais, a máxima satisfação das necessidades materiais e culturais de toda a sociedade que crescem constantemente, sempre foram, e serão sempre o centro de especial solicitude do Partido Comunista e do Governo Soviético.

O povo soviético sabe que a capacidade defensiva e o poderio do Estado So-

viético crescem e se fortalecem. O Partido fortalece ao máximo o exército soviético, a frota naval e os órgãos de informação para elevar constantemente a nossa capacidade de responder de forma demolidora a qualquer agressão.

A política do Partido Comunista e do Governo Soviético tem sido e será sempre uma invariável política de manutenção e consolidação da paz, de luta contra a preparação e desencadeamento de uma nova guerra, uma política de cooperação internacional e de fomento de relações diplomáticas com todos os países.

Os povos da URSS, fiéis à bandeira do internacionalismo proletário, fortalecem a amizade fraternal com o grande povo chinês, com os trabalhadores dos países de Democracia Popular, as relações amistosas com todos os trabalhadores dos países capitalistas e coloniais que lutam pela causa da paz, pela democracia e pelo socialismo.

Queridos camaradas e amigos. A grande força orientadora e dirigente do

povo soviético na luta pela construção do comunismo é o nosso Partido Comunista. A unidade de ação e a coesão monolítica das fileiras do nosso Partido Comunista, constituem a principal condição de sua força e do seu poderio. A nossa tarefa consiste em velar pela unidade do Partido como pela pupila dos nossos olhos, educar os comunistas, como sempre, na luta pela aplicação da política e das resoluções do Partido, fortalecer ainda mais os laços do Partido com todos os trabalhadores, com os operários, com os colcosianos e intelectuais, pois nessa indissolúvel ligação com o povo reside a força e a invencibilidade de nosso Partido. O Partido considera uma de suas tarefas mais importantes educar os comunistas e todos os trabalhadores no espírito de uma elevada vigilância política, no espírito de intransigência e de firmeza para com os inimigos internos e externos.

O Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, o Conselho de Ministros da URSS e o «Presidium» do

Soviet Supremo da URSS ao se dirigirem nestes dias lutosos ao Partido e ao povo, expressam a firme convicção de que o Partido e todos os trabalhadores de nossa Pátria se agruparão mais estreitamente ainda em torno do Comitê Central e do Governo Soviético, mobilizarão todas as suas forças e suas energias criadoras para a grande causa da construção do comunismo em nosso País.

A glória imortal de Stálin viverá sempre no coração do povo soviético e de toda a humanidade progressista.

Viva a grande e invicta doutrina de Marx, Engels, Lenin e Stálin!

Viva a poderosa Pátria Socialista!

Viva o nosso heróico povo soviético!

Viva o grande Partido Comunista da URSS!

Ass.) O Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, o Conselho de Ministros da URSS e o «Presidium» do Soviet Supremo da URSS.

Em 5 de Março de 1953.

De Luto a Humanidade Pela Morte de Stálin

Imensa dor e tristeza causadas pela morte do grande Stálin enchem o coração do povo brasileiro. Em nossa pátria, como em todos os países do mundo, a dolorosa notícia do desaparecimento do guia amado e sábio comandante da luta pela paz e pela felicidade humana, provocou profunda consternação nos corações de milhões de pessoas simples.

O povo brasileiro manifesta sua emoção e sente-se entulhado pela morte de seu maior amigo. O nome glorioso de Stálin é pronunciado com amor e carinho pelos milhões de filhos de nossa terra que gemem sob o jugo implacável da exploração nos latifúndios e nas fábricas e aspiram a uma vida melhor, livre da exploração do homem pelo homem. O nome de Stálin, Campeão da Paz, é evocado por todas as pessoas honradas, pelas mães, escusas irmãs e noivas, pela juventude que estuda e trabalha por todos e todas que amam a paz e lutam para afastar do caminho de nosso povo e de toda a humanidade o espectro terrível da guerra tramada pelos inimigos do gênero humano. Tudo o que nosso povo tem de nobre, elevado e patriótico concentra agora seu pensamento nos exemplos da vida luminosa de Stálin, nos ensinamentos com que Stálin, mestre clarividente e construtor da vitória dos povos sobre seus inimigos mortais, nos guia e orienta para a conquista duma vida melhor.

Todo o gênero humano está de luto com a morte de Stálin. Mas a dor de sua perda é uma dor que chama e convoca todas as pessoas honradas, que mobiliza com mais vigor ainda os combatentes da liberdade pois a obra de Stálin é imortal, os princípios e idéias de Stálin são invencíveis, o mundo novo que ele construiu, gigante que transformou a história, é o centro da esperança, a meta radiosa, o porto de salvação do ser humano.

Particularmente a classe operária e os milhões de camponeses seus irmãos sentem-se feridos pela desgraça imensa da morte de Stálin, seu chefe e mestre. Operários e camponeses trazem no coração e na consciência as indicações e diretrizes do grande comandante que nos deixou. Os princípios stalinistas são carne e sangue, pensamento e ação de todos os explorados e oprimidos. Sob a bandeira do leninismo-stalinismo eles prosseguem a luta porque sabem que sob essa bandeira derrotarão todos os inimigos, vencerão todas as dificuldades, destruirão todos os obstáculos e alcançarão a vitória.

Esta dor e tristeza fazem com que os olhos de milhões se fixem com mais amor, mais certeza e confiança na estrela brilhante do Kremlin, onde viveu e trabalhou Stálin, onde seus discípulos e companheiros de armas prosseguem a luta, continuam dirigindo com firmeza e sabedoria a construção do comunismo, fortalecendo e engrandecendo cada vez mais a inexpugnável cidadela da Paz, a gloriosa e bem-amada União Soviética. O Partido Comunista da URSS, criado e forjado por Lênin e Stálin, dá ao mundo o exemplo da unidade ferrea, da vigilância revolucionária, da firmeza e decisão na preservação da paz, na construção do comunismo.

Os comunistas brasileiros, sob o comando do discípulo de Stálin, o camarada Prestes, guiados e inspirados pelos princípios triunfantes do leninismo-stalinismo, educados no espírito stalinista do internacionalismo proletário, da fidelidade incondicional à grande União Soviética, do respeito e solidariedade a todos os povos, foram profundamente atingidos pela morte de seu mestre imortal.

A perda do grande Stálin comove profundamente os combatentes da vanguarda organizada da classe operária e do povo brasileiros. Esse sentimento aumenta nossa responsabilidade e nossa determinação de não poupar esforços para cumprir com honra nosso dever revolucionário.

Mensagens e Telegramas ao P. C. da U. R. S. S. Aos Povos Soviéticos e Seus Dirigentes

TELEGRAMA DE LUIZ CARLOS PRESTES

POUCO depois de ser conhecida a notícia da grave enfermidade de Stálin, Luiz Carlos Prestes enviou ao Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética o seguinte telegrama:

«Ao Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética — MOSCOU

A notícia da grave enfermidade que atacou o camarada Stálin, o nosso Mestre e Guia Amado, encheu de imensa dor o coração de todo o povo brasileiro.

Em nome do Comitê Nacional do Partido

Comunista do Brasil, expresso aos queridos camaradas do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética os sentimentos do profundo pesar que afligem a todos os comunistas brasileiros por esse doloroso acontecimento.

Fazemos ardentes votos para que o nosso grande e querido camarada Stálin consiga recuperar plenamente sua tão valiosa saúde, inestimável bem para os povos de todo o mundo.

a) LUIZ CARLOS PRESTES.»

TELEGRAMA DE JORGE AMADO

O ESCRITOR JORGE AMADO, PRÊMIO STÁLIN INTERNACIONAL DA PAZ, ENVIU ONTEM O SEGUINTE TELEGRAMA:

«Ao Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética. — Moscou.

Compartilho, emocionado, das lágrimas e da ansiedade do grande povo soviético por motivo da desgraça que o atingiu com a enfermidade do camarada Stálin. Esteu certo de que nesta hora difícil o povo soviético saberá atender ao apelo do Comitê Central e do governo da URSS, demonstrando sua unidade, coesão, firmeza e vigilância — qualidades inspiradas pelo gênio stalinista, que ilumina o caminho da libertação e da paz para todos os povos.

Ass.) — JORGE AMADO

TELEGRAMA DO MOVIMENTO BRASILEIRO PELA PAZ

Ao presidente do Comitê Soviético dos Partidários da Paz, Nikolai Tikhonov, em Moscou, foi enviado o seguinte telegrama:

«Com profunda emoção recebemos a notícia da grave enfermidade do generalíssimo Stálin. Em nome dos partidários da paz do Brasil manifestamos nosso pesar, formulando votos pelo seu restabelecimento. Apresentamos ao Comitê Soviético dos Partidários da Paz nossa solidariedade. Cordiais saudações.

ABEL CHERMONT, presidente do Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz.»

MENSAGEM DE ELISA BRANCO

Elisa Branco, Prêmio Stálin Internacional da Paz, enviou ao PC da URSS a mensagem abaixo transcrita:

«Ao Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética.

Moscou. Profundamente consternada pela notícia da enfermidade que atingiu o camarada Stálin, porta-bandeira da luta pela Paz, envio ao Partido Comunista da União Soviética, sentimentos de grande pesar por esse acontecimento. Juntamente com todas as mulheres do Brasil que amam a Paz, faço votos fervorosos pelo pronto restabelecimento do nosso melhor e mais querido amigo. — (a) Elisa Branco.»

DOS TRABALHADORES DA VOZ OPERÁRIA

Os funcionários da VOZ OPERÁRIA enviam ao «PRAVDA» o seguinte telegrama:

N. Pospelov
PRAVDA
Moscou

Profundamente feridos pela desgraça que nos atingiu com a perda de nosso amado pai e chefe, guia e educador o camarada Stálin, nós, trabalhadores da VOZ OPERÁRIA abraçamos os irmãos da gloriosa «PRAVDA», reafirmando nossa fidelidade à grande União Soviética, nossa confiança na vitória da causa da paz e das idéias invencíveis de Lênin e Stálin.

J. Batista Lima e Silva, Isaac Akcelrud, José Almeida, Ernesto Luiz Moia, Stênio Carvalho, Luiz Ivo, Cirio Gusmano, Henrique de Andrade Costa.

DA U. J. C.

Profundamente consternados com a notícia da séria enfermidade do querido camarada Stálin, fazemos votos pelo seu pronto restabelecimento, para a felicidade dos povos do mundo inteiro.

A.) — União da Juventude Comunista do Brasil.

DOS TRABALHADORES DA IMPRENSA POPULAR

Trabalhadores da IMPRENSA POPULAR enviamos votos pelo restabelecimento do camarada Stálin, cuja enfermidade enche de dor a humanidade democrática. Neste doloroso instante ceramos fileiras mais estreitamente ainda em torno da URSS, de sua vigília junto ao leito do grande Stálin e na luta sob a bandeira do socialismo e da paz.

Ass.) — Pedro Motta Lima, Paulo Motta Lima, Moacis Werneck de Castro, João Batista, Marla da Graça, Henri Cordeiro, Diogo Soares, Luiz Castanheira.

DAS MULHERES ANTI-FASCISTAS

Ao Comitê Anti-fascista das Mulheres Soviéticas Moscou

Emocionadas pela dolorosa notícia da grave enfermidade do querido ... do dos Povos da União Soviética, transmitimos às queridas amigas, por seu intermédio, e todo o povo soviético, os nossos mais ardentes votos para que ... a saúde o dirigente ... das lutas do povo pela Paz, pela independência das nações e pela democracia.

Ass.) — Arcebispo Mocho Goto, Helena Boaventura, Ana Mont ... o, Eunice ... da Nieta Campos ... Zelia Gattai Eline Mocho Matos, Heloisa Prestes, ... gisa Cavalcanti.

A PRINCIPAL ESTRADA DO BRASIL É O MAR

Ao longo de 9.200 quilômetros de costa, a marinha mercante liga os Estados de norte a sul. Mas uma ameaça páira sobre os marinheiros: os ianques querem arrastá-los para a guerra na Coréia

Reportagem de STENIO CARVALHO

Ao longe surge a silhueta de um navio. Primeiro aponta o mastro e, pouco depois, o barco vai aparecendo em todo seu tamanho. Do pórtico e das dezenas de navios atracados ou ancorados ao largo, os tripulantes fazem esforço por identificá-lo. «É o «Loide Golás» gritam eles.

A prática faz com que

aqueles homens, afeitos às lides do mar, reconheçam rapidamente a nacionalidade do navio, a empresa a que pertence, o seu nome e, às vezes até a carga que transporta.

Os marinheiros que permanecem meses e meses em viagem, encontram agora a oportunidade para rever os companheiros dos outros na-

vios, abraçar seus amigos e conhecidos de terra, procurar suas esposas, noivas e filhas.

VIDA DE SACRIFÍCIO

Para o marinheiro, viajar não é aquela coisa bela que muita gente supõe. As viagens para eles não constituem simples passeios tal como para capitalistas em excursão, dispendo de caríssimos e confortáveis camarotes. O tripulante de um navio é um sacrificado.

Pouca gente sabe o que é a vida de um foguista. Trabalhando horas e horas sob uma temperatura de 70 a 80 graus, ele sai arrebatado, não tendo outro desejo senão o de cair na cama. No Loide Brasileiro ou na Costeira o trabalho nos porões é feito em 12 horas noturnas sem que, no entanto, os trabalhadores recebam extraordinário. Todos os tripulantes trabalham pesado. O talfeiro ou o moço do convés percebem 1.700 e 2.300 cruzeiros, insignificantes para o seu sustento ou de suas famílias.

Contra essa situação os marítimos lutam, exigindo aumento de salários e 8 horas normais de trabalho, com percentagens sobre as horas extraordinárias. Os marítimos do Loide e da Costeira, considerados autarquias, exigem equiparação com os demais funcionários federais, querem o abono de emergência.

DESEMPREGO EM MASSA

Mas, todo marinheiro ou tripulante de navio viaja permanentemente? Não, há os desembarcados, isto é os que por doença ou por férias ou mesmo por imposição das empresas de navegação não podem trabalhar. Esses homens só recebem a migalha de 4 cruzeiros diários para se alimentar. Mas, como se compreende que uma pessoa possa viver hoje em dia com

apenas 4 cruzeiros? Numa luta travada há pouco tempo, os marítimos conseguiram elevar essa «etapa» para 10 cruzeiros mas até agora ainda não foi cumprida pelas empresas. Uma das maiores reivindicações é a «etapa única», isto é uma quantia correspondente a que eles tem direito para alimentar-se quando estão «embarcados» ou sejam 20 cruzeiros.

Mas, há inúmeros homens do mar que nem os 4 cruzeiros para a comida recebem. Eles trabalharam muitos anos, sacrificaram-se no convés ou nas caldeiras; enfrentaram os temporais em alto mar, mil perigos e sacrifícios. E, agora foram lançados ao desemprego. É que, uma lei de Getúlio, datada do tempo da guerra contra o nazismo, permitiu que navios estrangeiros fizessem navegação de cabotagem. A Moore McCormack entrou em ação, foi liquidando todas as pequenas companhias de navegação brasileiras. A concorrência foi grande, bastando dizer que enquanto no pórtico de Santos os navios estrangeiros partiam carregados de mercadorias, muito navio do Loide tinha de encher os seus porões de água para poder navegar. Em consequência dessa lei que favoreceu aos gringos ianques, faliram muitas empresas e cerca de 30 mil marítimos estão desempregados. Todos os marítimos lutam contra a cabotagem dos navios estrangeiros, principalmente a «Mormaque» americana que não consente em liquidar com a cabotagem nas costas se infiltrou pelo Rio Amazonas, e prejudicou a SENAP (Serviços Estaduais de Navegação do Alto Pará).

OS MARÍTIMOS DE TERRA SÃO TAMBÉM EXPLORADOS

Os navios não vivem toda a vida. Eles, como os seres

também sofrem as consequências do tempo, sofrem avarias, às vezes naufragam. Nesses desastres também morrem os heróicos marinheiros. Há as explosões, os desgastes. É preciso consertá-los, é preciso construir novos navios.

As grandes companhias nacionais como a Costeira e o Loide possuem grandes estaleiros para reparação e construção de navios. Os estaleiros ficam na Ilha do Viana e na Ilha do Mocanguê, no Rio, para os quais convergem diariamente centenas de operários. Entretanto, esses trabalhadores são vilmente explorados, ganhando salários de fome. Morando quase todos, em suburbios afastados — Caixa, Campo Grande, Nova Iguaçu, etc. — eles têm de levantar às 3.30 ou 4 da madrugada para chegarem às 7 horas nas ilhas. E, só deste momento em diante até a saída da ilha às 16.30 que eles começam a ganhar. Daí a luta que eles travam pelo salário a partir do momento em que tomam a embarcação até o regresso ao cais no Rio.

Na Ilha do Viana o trabalho além de ser duro, os trabalhadores são perseguidos desumanamente. Agora, com os preparativos de guerra do governo, com a tentativa de aprovação do Acordo Militar, os gringos americanos da comissão mista, têm visitado frequentes vezes o estaleiro numa evidente confirmação de que Getúlio vai entregar-lhes a ilha, ficando os trabalhadores brasileiros sob o seu chicote.

DIREITOS PARA OS AMERICANOS E CHICOTE PARA OS BRASILEIROS

Singrando os mares, ancorando nos portos nacionais de todo o mundo, os tripulantes brasileiros sempre respeitaram o solo em que pisam. Entretanto, não podem deixar de se revoltar com as atitudes que tomam os imperialistas americanos impedindo o desembarque dos brasileiros nos Estados Unidos. Segundo a famigerada Lei Mac Carran, todo tripulante que desembarque em pórtico americano é obrigado a apresentar atestado de ideologia. Verdadeira lei fascista. Os governos de muitos países, mesmo governos como os da Inglaterra, França, etc. protestaram contra essa aberração mas, o que fez o lacaio Getúlio diante disso? Permaneceu calado ante tamanha ofensa, mais servi que todos.

Mas, o governo de Getúlio, cada dia que passa se torna mais submisso ao amo americano. Quem não se lembra daquele desafortunado capitão americano que, em pleno Brasil, no pórtico de São Luis, tendo roubado uma firma brasileira e, quando pehoraram o navio, desacalhou as autoridades brasileiras, não lhe acontecendo nada por parte do governo? Só o povo se revoltou e tentou justiça-lo.

Se isso acontece agora, que ocorrerá se os americanos conseguirem impor o seu acordo de guerra, e de escravização, o Acordo Militar Brasil-Estados Unidos?

OS MARÍTIMOS LUTAM PELA PAZ

A principal estrada do Brasil é o mar. São 9.200

quilômetros de costas banhadas pelo Oceano Atlântico. Se não houvesse a marinha mercante que seria do comércio interno do Brasil? De norte a sul, indo e vindo, os navios realizam o intercâmbio entre os Estados. Mas, uma ameaça páira sobre os marinheiros. Os ianques querem que eles vão para a guerra da Coréia. E denunciam que os trabalhadores da Ilha de Mocanguê, por exemplo, confirmam mais uma vez. Os americanos disse-ram aos tripulantes do S.P. 10 que esse navio seria dentro em breve incorporado a um comboio que conduziria 5 mil soldados brasileiros para a Coréia, sendo 4.200 do Distrito Federal e São Paulo e 1.800 Pernambuco.

Entretanto, os marítimos estão de sobra e lutam pela paz. Cada tripulação de navio brasileiro organiza-se e combate as ameaças de Getúlio de enviá-los para a Coréia.

Belo e grandioso exemplo deu-nos a tripulação do «Arataia». Numa das viagens ao Norte, entrou no pórtico de Cabedelo com uma bandeira branca com a palavra «PAZ» tremulando num dos mastros. Rumando para o Sul, o «Arataia» encontrou, no pórtico de Paranaguá, com o «Itatinga» cuja tripulação fazia cruzeiro semelhante em defesa da paz. As duas tripulações confraternizaram e todos os oficiais e marinheiros dos dois navios, ao lado de outros marítimos, em número de 345 assinaram o Apelo por um pacto de paz. Em Antofagasta, encontraram-se com o navio argentino «Baroliches», cuja tripulação recebeu os marítimos do «Arataia». Na luta pela paz, confraternizaram-se os marinheiros argentinos e brasileiros.

O «Arataia» prosseguindo no seu cruzeiro, ia jogando barricas, caixotes e outros objetos com as palavras: «Paz», «Paz».

OS MARÍTIMOS NÃO SE DEIXAM VENCER

O navio sem o marujo é um corpo sem alma. Enfrentando as tempestades e as peripécias das viagens, o marítimo se identifica com a sua embarcação; ele não pode passar sem ela.

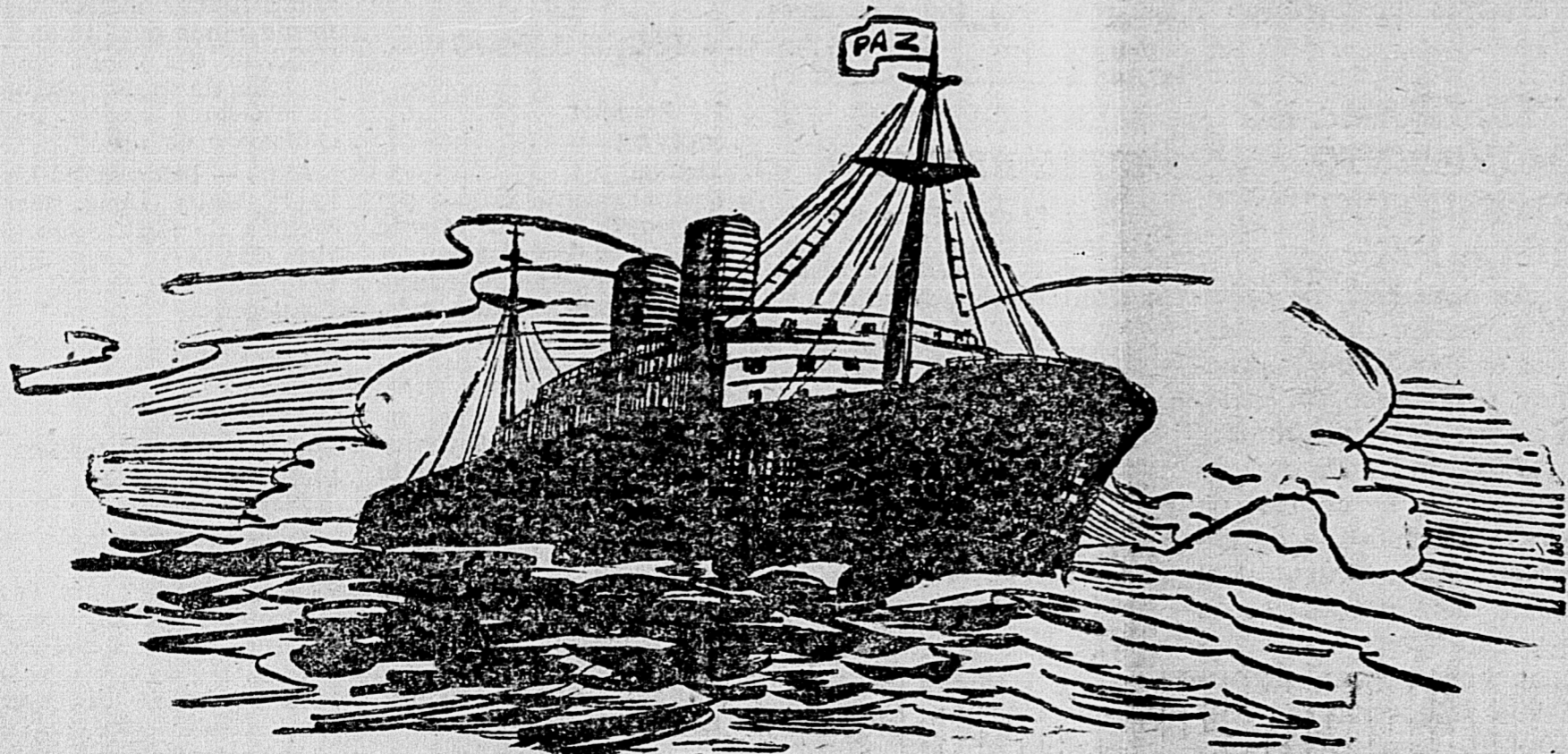
O mar ou em terra o marítimo luta por uma vida melhor, contra a exploração, por condições de trabalho mais humanas. Ele combate esse regime em que vivemos, de grandes capitalistas e latifundiários que, sob os ordens do imperialismo ianque, liquidam também com a marinha mercante brasileira, agravando a miséria e o atraso do nosso povo. Os marítimos, parcela importante dos trabalhadores, passam a compreender que, só num regime de democracia popular — de paz, liberdade, terra para os camponeses, fartura e bem-estar para todos — terão seus direitos assegurados.

Por isso, os marítimos também lutam por suas reivindicações imediatas, por obrigar os patrões e o governo de Getúlio a cumprir a legislação do trabalho, a respeitar suas conquistas. Eles exigem aumento de salários, etapa única, abono de emergência, pagamento das percentagens do trabalho noturno e extraordinário.

Unidos e organizados nos seus sindicatos, nas assembléias, dentro e fora dos navios, eles vencerão.



As companhias de navegação exploram até ao grau máximo os seus operários. O Loide e outras empresas, que têm seus estaleiros nas ilhas, além de pagar salários de fome só consideram a jornada a partir do momento em os trabalhadores penetram nos seus porões, isto é, às 7 horas da manhã. Mas os trabalhadores lutam para receber também o tempo consumido no trajeto entre o Caís e a ilha tanto na ida como na volta. No clichê, os trabalhadores da Ilha de Mocanguê quando saíam do trabalho.



Os marítimos brasileiros estão sofrendo as consequências da preparação guerreira e da opressão do imperialismo americano em nossa terra: desemprego, salários de fome, perseguições. O Acordo Militar vai agravar a situação, pois, um dos seus objetivos é obrigar a marinha mercante a ir para as águas da Coréia, expondo assim, a vida dos tripulantes nacionais enquanto, no Brasil, ficaremos sem transportes para as mercadorias que produzimos. É a miséria em seu mais alto grau. É por isso que os marítimos se unem e estão lutando contra o Acordo Militar; é por isso que os marítimos lutam pela paz. No clichê, uma ilustração representando o «Arataia» desafiando a bandeira branca, com a inscrição «Paz», tal como entrou no pórtico de Cabedelo.

Os Sionistas, Lacaios Do Imperialismo Americano

ISAAC AKCELROD

O sionismo apresentou-se à opinião mundial com a máscara de um movimento com o objetivo de promover a emancipação do povo judeu. Com esse disfarce hipócrita procurou esconder o fato de ser um instrumento dos maiores capitalistas judeus ligados aos principais países imperialistas, seus fundadores. Desde o nascedouro, porém, o sionismo trouxe a marca de sua origem e de seu conteúdo reacionário. Colocou-se logo em oposição à luta revolucionária das massas em todos os países pela liberdade e pela destruição da causa fundamental da miséria e do terror policial — a exploração do homem pelo homem em cada país, a exploração dos povos por um punhado de bandidos imperialistas.

Não é de admirar, portanto, que o sionismo, desde os seus primeiros passos, tenha marchado de braço dado com os piores e mais repelentes representantes da reação e do obscurantismo, com os mais sanguissedentos agentes do racismo, chegando à degradante posição que hoje ocupa de organização internacional a serviço da espionagem americana. Os sionistas marcharam inexoravelmente para a função aberta e ostensiva de capachos dos bandidos do dólar da mesma forma que o lixo tem que ser levado inevitavelmente para o monturo.

Esses lacaios de nascença da reação e do imperialismo mantiveram desde o início as melhores relações com os pogromistas czaristas, que tinham as mãos tintas do sangue de suas vítimas inocentes nos ghettos. O próprio Teodoro Hertzl, cuja memória os sionistas cultuam como a do fundador do movimento, mantinha o mais perfeito entendimento político com as bestas feras racistas do governo da Rússia dos tzars. Por exemplo, numa carta escrita a 19 de maio de 1903 a Von Pleve, então ministro do Interior do czar e inspirador das sangrentas matanças de judeus, Hertzl atacava o movimento revolucionário russo e oferecia os serviços do sionismo para combater a influência das idéias revolucionárias no seio da juventude de origem judaica. No diário de Hertzl vamos encontrar uma anotação que prova que essa colaboração de reles policial movido pelo seu ódio à revolução foi gostosamente aceita pelos assassinos czaristas.

Apenas quatro meses após o horroroso massacre de judeus em Kishinev, Teodoro Hertzl, como um vil e pusilânime servil dos anti-semitas e carcereiros de povos da velha Rússia czarista, apertou a mão do bandido Von Pleve e ouviu dele as seguintes palavras que registrou no seu diário: «Temos simpatia por vosso movimento sionista enquanto ajudou a aumentar a emi-

gração. Não é necessário justificar o movimento para mim».

Isaac Gruenbaum, o primeiro ministro do Interior do Governo Provisório de Israel e posteriormente membro do Comitê Executivo da Agência Judaica, confessa esses fatos em sua «História do Sionismo». Gruenbaum conta que no Sexto Congresso Sionista, em 1903, o discurso inaugural de Teodoro Hertzl, mesmo falando em pesar pelo massacre de Kishinev não continha uma palavra de protesto contra o governo russo, responsável pelas atrocidades. É claro que o Congresso também não protestou. Gruenbaum reconhece que o governo czarista favoreceu a expansão e crescimento do movimento sionista porque «o sionismo distraía a atenção dos judeus da luta contra o regime czarista».

Mas o sionismo não se desenvolveu apenas à custa de suas boas relações com os mais sanguissedentos anti-semitas e racistas. Ele se apresentou como instrumento de dominação e exploração de outros povos, cedo lançou sua candidatura de servil dos opressores imperialistas contra os povos que lutam por sua independência e libertação do jugo colonial.

Hertzl dirigiu-se aos colonizadores britânicos através de lord Stalisbury, propondo «a criação dum estado vas-

salo, semelhante ao Egito, sob a soberania do Sultão» com a finalidade de «criar para a Inglaterra um caminho mais curto para a Índia». Esse político desfiado e amoral estava mesmo em leilão. Pouco depois fazia propostas semelhantes ao Kaiser alemão.

Os discípulos contemporâneos de Hertzl são ainda mais claros. Elieser Lieberstein, um dos chefes do Mappam (Partido Laborista de Israel), escreveu: «A Inglaterra necessita dos judeus para impedir que os árabes se tornem demasiado fortes e para ter uma proteção adicional contra um movimento árabe que aspira à emancipação do Oriente Médio árabe unido contra a dominação inglesa».

Ben Gurion, atual primeiro ministro de Israel, reclamou em 1936 que a Palestina «fosse anexada a uma unidade maior que se chama Comunidade Britânica». Chaim Waitzman, o primeiro presidente, assim se referiu a essa opressora de povos: «Considerando a importância estratégica e econômica da Palestina, a inclusão do Estado Judeu na Comunidade Britânica de Nações seria de interesse para ambos».

Os seguidores do laço do pogromista Von Pleve, uma vez no governo de Israel, pas-

saram eles mesmos a realizar o massacre de judeus. Os representantes no poder da alta burguesia judaica aliada do imperialismo não vacilam em espancar e matar operários judeus homens e mulheres, invadindo repetidas vezes as sedes do Partido Comunista de Israel, em Tel Aviv e outros lugares, para assassinar e saquear. A polícia de Ben Gurion segue as lições da Gestapo.

Aninhando no governo de Israel um bando de despidorados e cínicos agentes do imperialismo ianque o sionismo dá hoje o apoio dum base estatal à atuação ocimiosa dos assassinos e espíes que mantem no mundo inteiro. Utilizam-se de seus iguais, detritos do genero humano, restos do rebanho nazista, como Slanski e seus cúmplices, na Tchecoslováquia, para sabotar o trabalho criador e matar os líderes dos povos que se libertaram do jugo imperialista. Instruem e financiam seus semelhantes, monstros sem alma humana como os médicos assassinos de Zhdanov e Tcherbacov, na União Soviética. Os fatos demonstram que o sionismo é uma organização dedicada ao crime em favor dos incendiários de guerra imperialistas, um bando internacional de gangsters que não recua ante as ações mais abjetas para servir seus amos de Wall Street.

O lixo sionista chegou afinal ao seu destino: o monturo da espionagem ianque. O sionismo tornou-se uma dependência do F. B. I., a gestapo americana. Está de mãos dadas com o nazistas de Bonn, vende a Adenauer o sangue dos judeus. Os porta-vozes e escribas do sionismo tomam em suas mãos a bandeira de Hitler, repetem sem o menor pudor os chavões de Goebels, como são exemplo os imundos pasquins sionistas editados no Rio de Janeiro.

Aderiram de corpo e alma à matilha de cães imperialistas e ladram contra o comunismo, contra a gloriosa União Soviética. Cúmplices e instrumentos da conspiração contra a paz mundial, apelam para o atentado fascista contra a representação diplomática da URSS em Israel, provocando cínicamente a ruptura de relações com a pátria do socialismo triunfante.

Esses bandoleiros internacionais, cevados nos dólares tintos de sangue, demonstraram que são capazes de todas as ignomínias e traições. Nosso povo vota o seu ódio e desprezo aos sicários que gularam o braço dos médicos assassinos na execução do monstruoso plano que roubou a vida de vultos eminentes e queridos das massas populares no mundo inteiro, como o imortal vencedor dos nazistas em Leningrado o grande Andrei Zhanov. O povo brasileiro pede a condenação exemplar desses canibais.

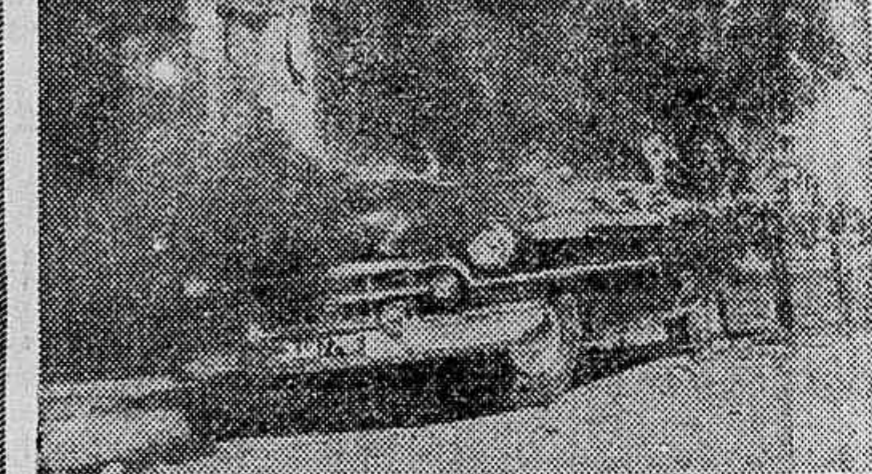
A máscara de sionismo foi completamente atarracada. Não podendo mais enganar ninguém, os sionistas abrigam ostensivamente sua falta de princípios, seu programa de sabotadores, espíes e assassinos sob a bandeira do imperialismo ianque.



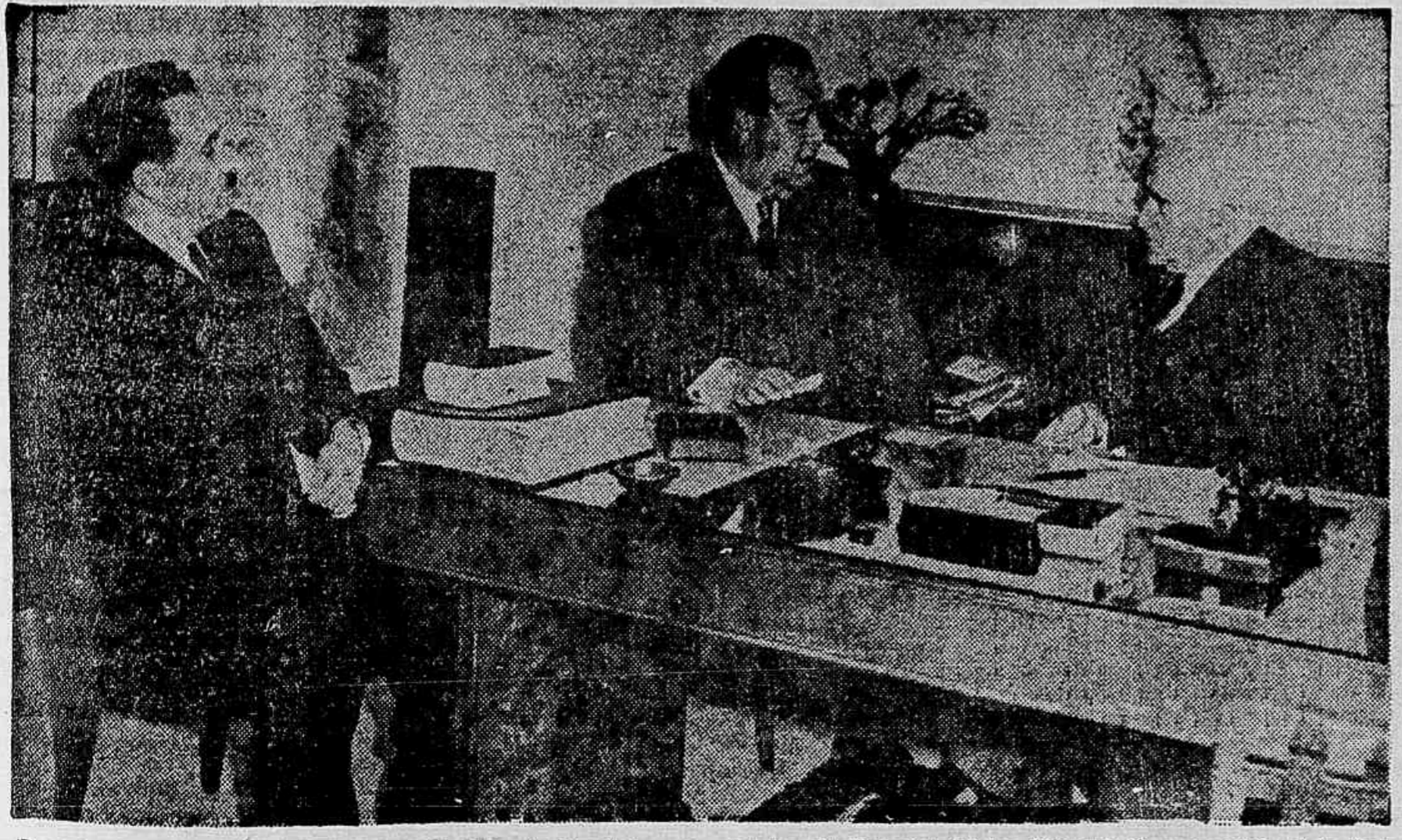
O Povo Bulgaro comemorou a 3 do corrente o 7.º aniversário da primeira libertação nacional da Bulgária pelo povo russo. Durante cinco séculos — do XIV ao XIX — a Bulgária viveu sob a opressão do império otomano, que se exercia da maneira mais brutal. Em 1876 houve um levante na Bulgária, esmagado pelos turcos a ferro e fogo: milhares de homens e mulheres inocentes foram mortos e sequestrados, formosas cidades e aldeias reduzidas a cinzas. Entre os protestos que se elevaram em toda a Europa contra este crime figuraram os do povo russo, que sempre nutriu a maior simpatia pelos seus irmãos bulgares. Em 1877 tropas russas, interviram também por voluntários bulgares, cruzavam as fronteiras da Bulgária. Após um ano de sangrenta guerra, impuseram a derrota aos dominadores turcos, libertando a Bulgária. No clichê é reproduzida a cena em que Osman Pachá, chefe dos turcos, entregava sua espada de vencido ao general russo Skobelev, na cidade de Pleven. A vitória custou aos russos 200 mil vidas, que cimentaram ainda mais solidamente a amizade fraternal entre os dois povos. Hoje, quando a Bulgária é uma florescente Democracia Popular, graças às históricas vitórias do Exército Soviético sobre os fascistas alemães e os «quislings» bulgares que se aliaram a Hitler, o povo bulgaro sente mais do que nunca a atualidade destas palavras do sábio Dmitrov: «Para o povo bulgaro, a amizade com a União Soviética é tão indispensável como o ar e o sol para todo ser vivo».



O TROTE DOS CALOUROS, realizado há duas semanas em Francfort, na Alemanha Ocidental, foi aproveitado pelos estudantes para desmascarar a política dos imperialistas americanos de ressuscitar os antigos generais nazistas. Estudantes vestidos no uniforme dos derrotados generais de Hitler — os mesmos que os Estados Unidos querem reabilitar com o Exército Europeu — carregam um cartaz no qual se lê: «Onde for o caso de dar tiros, lá estaremos».



PROTESTANDO CONTRA A elevação das taxas escolares, os estudantes de Karachi, no Paquistão, realizaram vigorosas demonstrações públicas. O automóvel do ministro do Interior, um «Cadillac» foi incendiado pelos jovens.

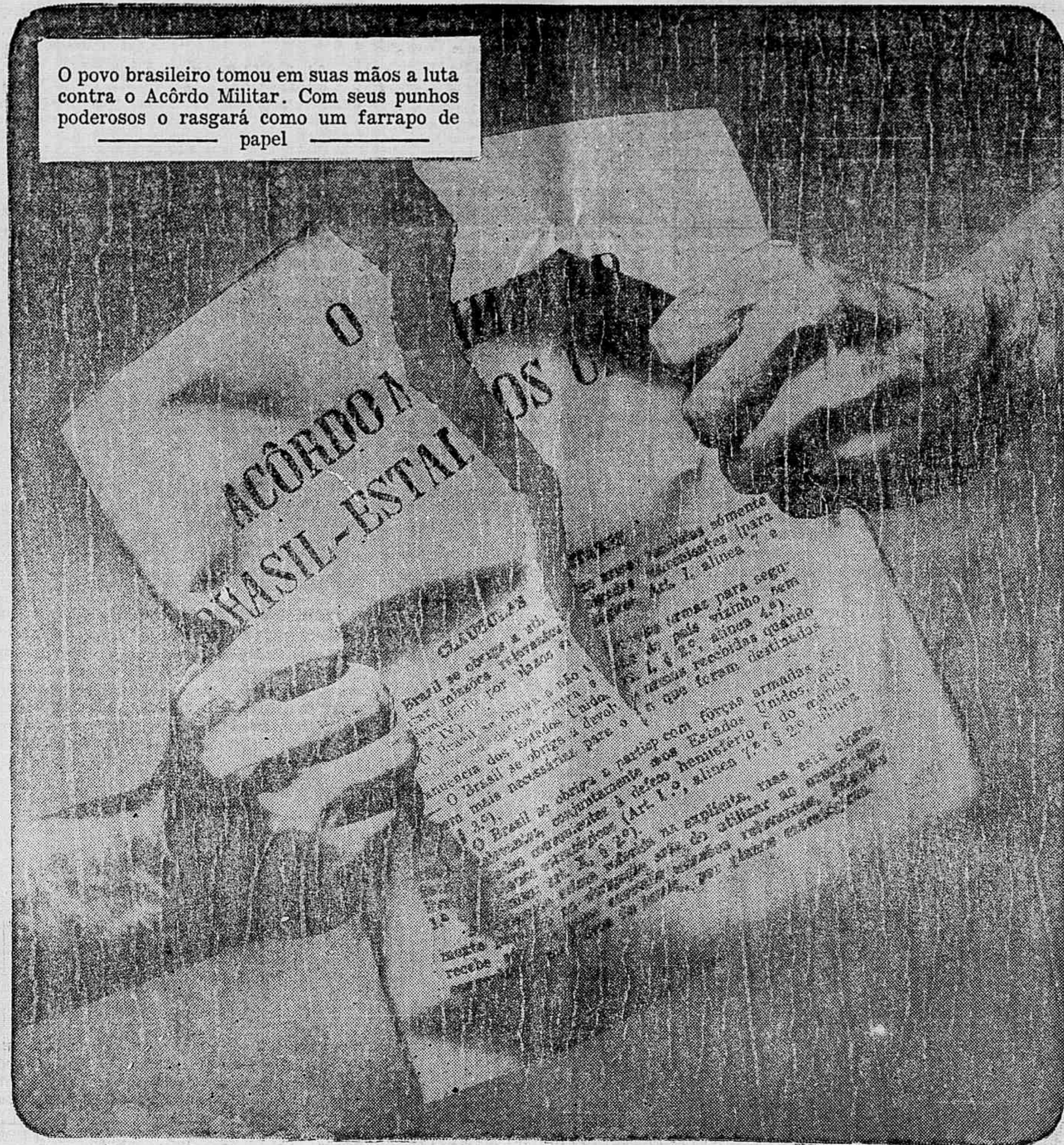


O chefe do governo de Israel, Ben Gurion (à direita) e o ministro do Exterior, Moise Sharret (à esquerda), dois dos mais fiéis lacaios dos imperialistas americanos, em colóquio com Trigve Lie (ao centro), secretário Geral da O.M.U.

NÃO ACEITAMOS O ACÔRDO MILITAR

A luta contra o infame Acôrdo Militar mobiliza milhares e milhares de brasileiros nas fábricas e nos bairros — Centro de atenção e assunto de conversa nas fábricas — Palestras que se transformam em comícios — Do esclarecimento no local de trabalho ao pronunciamento na assembléia do Sindicato dos Marceneiros — Em Cascadura, o exemplo de amplo e variado trabalho dum Conselho de Paz — Contacto com as demais associações populares e visitas de casa em casa

O povo brasileiro tomou em suas mãos a luta contra o Acôrdo Militar. Com seus punhos poderosos o rasgará como um farrapo de papel



A PRIMEIRA impressão na grande maioria dos trabalhadores do seu primeiro dia, pela entrega dum memorial a mais de mil assinaturas

Por que o Acôrdo Militar é um inimigo dos trabalhadores?

Os que, em primeiro lugar, a essas perguntas eram os companheiros e irmãos do Distrito Federal ansiavam por uma resposta satisfatória para elas. Logo, procurando conhecer esse documento infame, de indignação o seu sangue

Eles tomaram a iniciativa de redigir um memorial, mostrando o que o Acôrdo Militar para as fábricas e o trabalho unânime dum assessor do Sindicato, com a participação de mais de mil associados, de repúdio ao pacto da traição.

ESCLARECIMENTO NA FABRICA

O memorial começou a circular, com uma repercussão, que crescia dia a dia, em mais de 20 fábricas. Era um bom primeiro passo. Rapidamente, o Acôrdo Militar se transformou em assunto de palestra. Desenvolveu-se um processo de esclarecimento político dos trabalhadores no local de trabalho.

Na hora do almoço, usando comendo da marmitta, os grupos a «bomba», a comida fria enrolada num simples pedaço de papel, faziam pequenas reuniões. Um trabalhador fez a palestra na hora do almoço. Reuniu logo uns operários em torno de alguns paravam só um momento. Surgiram os aparelhos formou-se um debate tornou evidente uma ameaça que pesa sobre os trabalhadores: — O Acôrdo Militar é um meio de governo de Getúlio mandá-los para a Coreia.

MO A CONVENÇÃO Este imenso trabalho terminou na assembléia do Sindicato. A Comissão eleita naquela ocasião considera de seu dever prosseguir na luta, já que o Acôrdo ainda não foi revogado, já que o governo e os americanos insistem em aprová-lo. Vem a convocação Nacional

Contra o Acôrdo Militar. Tomando em conta a distribuição dos trabalhadores nas diversas empresas, a Comissão chegou à conclusão de que a eleição dos delegados pode ser feita na base de 60 pessoas no mínimo para cada delegado. E não se trata só das assinaturas dos operários daquela empresa, mas das assinaturas de suas famílias, de suas esposas principalmente.

Os marceneiros marcham para a Convenção.

procuraram responder a essas perguntas eram os companheiros e irmãos do Distrito Federal ansiavam por uma resposta satisfatória para elas. Logo, procurando conhecer esse documento infame, de indignação o seu sangue

Para os trustes americanos quando o patrão é obrigado a esta-ferias e repouso seman-terdade. E' isso que querem fazer valer contra nós com esse Acôrdo miserável. E' por que os teixteis em geral saltaram logo em campo para lutar contra o Acôrdo.

Essas conversas de pequenos grupos às vezes se transformam em comícios, como é o caso ocorrido numa fábrica de uns 50 operários na Rua Santa Teófilo, no Engenho de Dentro. Um trabalhador fez a palestra na hora do almoço. Reuniu logo uns operários em torno de alguns paravam só um momento. Surgiram os aparelhos formou-se um debate tornou evidente uma ameaça que pesa sobre os trabalhadores: — O Acôrdo Militar é um meio de governo de Getúlio mandá-los para a Coreia.

Essas visitas são um capítulo à parte, um belo aspecto da atividade dos patriotas e dos partidários de paz em Cascadura. As comissões vão a cada lar para levar o seu alerta patriótico, a palavra persuasiva e mobilizadora, o incentivo à infinita iniciati-

va popular nas suas mais variadas formas. Cada família é chamada a formar uma cidadela de resistência à guerra, de luta tenaz contra o sinistro plano de enviar os nossos jovens para a Coreia. A. mães recebem carinhosamente as comissões, muitas transformam-se em coletoras de assinaturas, distribuem os folhetos de esclarecimento, entregam o material aos maridos:

— Olha aqui que coisa grave. Não é possível deixar que isso aconteça. Não criamos nosso filho para ele ser enterrado como um bicho na Coreia.

Logo de início resolveram ampliar consideravelmente o campo de suas atividades. Deram, sem vacilar, uma prova de confiança no patriotismo de todos os brasileiros. E foram direto a sedes de doze organizações populares, clubes de futebol, centros espirituais e outras. Foram recebidos de braços abertos. A massa dos associados apoiou seu trabalho, ajudou na coleta de assinaturas contra o Acôrdo, forneceu elementos entusiastas que participam nas comissões que entram em contato com a população nas visitas de casa em casa.



Numerosos jovens paulistanos reuniram-se em pleno Rua Direita, em São Paulo, para manifestar seu repúdio ao Acôrdo Militar.



Enterremos o Acôrdo Militar antes que ele enterre nossos filhos na Coreia, conclamam de público os patriotas de Uberlândia, Minas Gerais.

A indignação patriótica do povo contra os vende pátria partidários do acôrdo militar se manifesta nas ruas, em audaciosas ações de firmeza e coragem patriótica. No clichê a direita o documento fotográfico dum vigorosa manifestação de repúdio da juventude carioca que não quer ir morrer estúpida e ingloriamente na Coreia, para aumentar os lucros dos monopólios americanos. Em plena Cinelândia, numa das horas de maior movimento, foi colocado um judas simbolizando o acôrdo. A esquerda a prova de outro ato de coragem patriótica. O viaduto Dona Paulina, em pleno centro da capital paulista foi pichado com vigorosa inscrição de repúdio ao pacto infame.

Isto é um exemplo, apenas. Movimento semelhante se desenvolve em inúmeras empresas pelo país afora. As massas, com a classe operária à frente, tomam em suas mãos a luta contra o Acôrdo Militar.

NO DINAMICO CONSELHO DE PAZ DE CASCADURA

Como é que pode existir a luta pela paz sem que se lute com todas as forças contra o Acôrdo Militar?

Assim se desenvolve o trabalho do Conselho de Paz de Cascadura. Em centenas de bairros pelo país afora os exemplos semelhantes se multiplicam. O povo toma em suas mãos a luta contra o infame Acôrdo Militar. Essa é a base poderosa em que assentará a próxima Convenção Nacional Contra o Acôrdo Militar. As ilustres personalidades de todas as profissões e correntes de pensamento político que trabalham pelo êxito da Convenção sentem e verificam que falam em nome da maioria esmagadora da nação, essa força invencível ante a qual os vis projetos do imperialistas americanos e seus lacaios em nossa terra morderão o pó da derrota. O povo é invencível. O Acôrdo Militar será derrotado.



Dir-se-lhe que os membros da diretoria do Conselho de Paz de Cascadura e todas as pessoas que, às centenas, apoiam suas iniciativas no populoso bairro, fizeram todos essa pergunta ao mesmo tempo e simultaneamente deram a resposta. Uma bela e magnífica resposta em atos, em iniciativa, num sugestivo e empolgante trabalho criador.

Logo de início resolveram ampliar consideravelmente o campo de suas atividades. Deram, sem vacilar, uma prova de confiança no patriotismo de todos os brasileiros. E foram direto a sedes de doze organizações populares, clubes de futebol, centros espirituais e outras. Foram recebidos de braços abertos. A massa dos associados apoiou seu trabalho, ajudou na coleta de assinaturas contra o Acôrdo, forneceu elementos entusiastas que participam nas comissões que entram em contato com a população nas visitas de casa em casa.

AS CEDULAS E OS CARTÕES POSTAIS

O Conselho de Paz de Cascadura, mantendo e aumentando assim um contacto vivo e permanente com a massa da população, ficou com a imaginação despertada para inventar novas e interessantes formas do povo manifestar seu desejo, sua determinação de derrotar o Acôrdo Militar.

Assim, por exemplo, tomaram a iniciativa de reimprimir cédulas de todos os deputados que fizeram campanha eleitoral no bairro. Tudo é reproduzido como se fosse uma repetição da eleição. O nome do partido, o nome do

deputado. Mas como se trata dum coisa feita pelo povo, no verso da cédula vem o mandato do eleitor, um pedido veemente, uma ordem de que o deputado vote na Câmara contra o Acôrdo. Assim, cada cidadão tem um meio muito simples de se dirigir ao deputado em quem votou para exigir que ele tome posição contra o Acôrdo Militar.

Outra iniciativa interessante é a maneira engenhosa e fácil de combinar a propaganda patriótica contra o Acôrdo com a campanha financeira para custear as despesas dessa luta. O Acôrdo é simbolizado por um polvo cujas garras estão procurando envolver e esmagar o Brasil. Uma idéia simples e acessível. A cabeça do polvo está dividida em pequenos círculos. Tudo está impresso num cartão postal. Então cada brasileiro que não quer a guerra e não admite que os americanos tomem conta da patria manifesta seu apoio à luta contra o Acôrdo fazendo um furo num dos círculos em que está dividida a cabeça do polvo. Cada furo vale um cruzeiro. Cada cruzeiro ajudará na confecção de folhetos, faixas e boletins para ampliar ainda mais a luta contra o acôrdo de guerra e colonização de nossa pátria.

PORQUE SOMOS BRASILEIROS!

Basta de Mortes na Coréia!

DESDE o dia 25 de fevereiro último, a Assembléa Geral das Nações Unidas inaugurou mais um período de sessões. Esse fato ocorre em um momento particularmente grave para todo mundo. Em várias regiões do globo, a fome, o desemprego, as epidemias, as inundações, as secas, flagelam social e fisicamente milhões de seres humanos. Tal é o que acontece no Brasil, na Índia, na Holanda e na Inglaterra, assim como na França, nos Estados Unidos e em muitas outras partes. Em outros países, os povos ainda não resoltos dos tormentos da última guerra, são forçados a se defenderem da agressão do imperialismo, cravando de armas em punho a gloriosa luta, plena de heroísmo, em defesa da liberdade e da independência nacional. Tal é o que se dá, por exemplo, com os povos de Kenya, Filipinas, Malala, Viet-Nam e Coréia.

Mais grave do que todos, o conflito coreano ameaça arrastar o mundo ao precipício de uma nova guerra.

Per isso uma vez mais, os povos se voltam para a ONU à espera de que, cumprindo suas finalidades, esse organismo internacional ofereça soluções práticas para os grandes problemas que atormentam a humanidade.

A BANDEIRA DA PAZ CONTRA O FACHO DA GUERRA

Mas, como se apresenta a ONU no atual período das sessões? Como respondem aos anseios de todas as pessoas simples as delegações que lá compareceram?

A delegação norte-americana, segue o que Eisenhower qualificou de «nova política exterior positiva», em sua primeira mensagem presidencial. A direção dessa política está claramente marcada pelo próprio presidente norte-americano: solução militar para o conflito da Coréia, encarado em conjunto com os problemas de Formosa, Malaia e Indochina; ajuda a Chiang Kai Shek para que lance ataques piratas às costas chinesas; repúdio aos compromissos assumidos durante a guerra relativa aos países de democracia popular e a algumas repúblicas socialistas; liderança americana e colaboração «entusiástica» dos demais Estados associados aos EE. UU. nessa política.

Desse modo, apesar das promessas de pôr fim à guerra da Coréia que fez durante a campanha eleitoral, o presidente bipartidário dos Estados Unidos aponta o caminho da solução militar das questões em aberto, mediante a extensão do conflito coreano. Os americanos apontam aos povos o caminho de uma nova guerra mundial e exigem que os povos aceitem esse caminho.

Enquanto isso, a União Soviética e os países que com ela marcham, falam a linguagem simples e compreensível da paz. A União Soviética apoia a proposta da delegação da Polónia relativa a um acordo geral de um Pacto de entre as potências e que tem como seu primeiro ponto a cessação das hostilidades na Coréia. A União Soviética mantém sua proposta de outubro de 1952 para a retirada de todas as tropas estrangeiras da Coréia, dentro de três a três meses, a imediata cessação do fogo e a solução do problema coreano pelos próprios coreanos. A União Soviética propõe que se forme uma Comissão de representantes dos Estados Unidos, Grã Bretanha, França, URSS, República Popular da China, Índia, Birmânia, Suíça, Tchecoslováquia, Coréia do Sul e República da Coréia a fim de serem imediatamente tomadas medidas para terminar o conflito, resolver o caso dos prisioneiros de guerra e unificar o país.

Assim, enquanto os americanos brandem o facho da guerra, os soviéticos desfraldam a bandeira da paz.

TODO APOIO À PROPOSTA DE PAZ DA URSS

iniciaram as negociações de armistício, os lucros dos grandes trustes somaram 43.000.000.000 de dólares. Daí que os negociadores ianques tenham, desde o primeiro momento, realizado todos os esforços possíveis para fazer com que malograssem as negociações de Kaesong e Pan Mun Jon. Os aviões americanos bombardearam repetidas vezes a zona neutra, quebraram a trégua, metralharam a própria delegação coreana e

usaram nas reuniões uma linguagem violenta e anti-diplomática. A calma e a flexibilidade dos delegados coreanos e chineses, apoiada pela opinião pública mundial permitiram, contudo, que em dezenas de pontos os americanos não pudessem impedir o acordo. Mas, assim que refizeram sua máquina de agressão, os imperialistas de Wall Street inventaram a chamada «questão da repatriação voluntária dos prisioneiros de guerra».

mundial têm assistido, revoltada e estarecida, aos hediondos massacres com lança-chamas, metralhadoras e gases empregados pelos carcereiros ianques contra os prisioneiros de guerra que não abdicam do direito de voltar a seus lares. Dessa maneira, os imperialistas norte-americanos criaram um caso, com a única finalidade de sabotarem as negociações. Pouco importa aos meios dirigentes dos Estados Unidos que, com isso, os próprios prisioneiros norte-americanos fiquem impedidos de regressar à pátria, da qual nunca deviam ter partido para atacar povos pacíficos.

Pretextando a impossibilidade de acordo sobre esse ponto, a delegação norte-americana rompeu as negociações a 8 de outubro de 1952.

Ora, nesse mesmo dia, o comando coreano-chinês apresentou a Mark Clark uma proposta concreta sobre os prisioneiros, baseada, em sua maior parte, nas anteriores propostas do comando ianque. Essa proposta não foi sequer respondida. Os delegados americanos, após a ouvirem, limitaram-se a ler a nota de rompimento, anteriormente redigida, e se retrairam da sala de reuniões, sem terem ao menos a cortesia de escutar a resposta da parte contrária.

Depois desse dia têm sido inúmeros os apelos dos governos coreanos e chinês no sentido de serem retomadas as conversações de paz. Chu En Lai, ministro do Exterior da China, repetiu, em fevereiro último, esse convite.

Rompendo as negociações, os agressores imperialistas reiniciaram prontamente as operações militares. Com isso demonstraram, mais uma vez, que a questão dos prisioneiros era um mero pretexto, pois está claro que o melhor meio de sair-se do impasse seria o prosseguimento das negociações sobre o assunto, e não o reinício da luta.

A FARSA DO «REPATRIAMENTO VOLUNTÁRIO»

De acordo com a Convenção de Genebra, assinada pelos Estados Unidos, os prisioneiros de guerra, com a cessação da guerra em que participaram, têm o direito de regressar a suas pátrias. Esses prisioneiros, como cidadãos incorporados ao exército não podem renunciar aquele direito, pela simples razão de que isso os equipararia a desertores.

Os coreanos e os chineses não negaram, nunca, o direito de os soldados de Lin Sin Man e das potências interencionistas, que foram feitos prisioneiros, regressarem a seus lares, mediante troca. Mas isso não convém aos norte-americanos. Eles, pela força, procuram arrancar falsas confissões dos prisioneiros de guerra, dos patriotas coreanos e dos abnegados voluntários chineses. A consciência

A MÁ FÉ DO GOVERNO AMERICANO

É isso não é de hoje. Constitui uma velha história que principia com os primeiros dias da ONU. Principalmente depois do conflito coreano, que significou a passagem do imperialismo americano da política de preparação da agressão, à agressão aberta e descarada, essa disparidade entre a política da URSS e a dos EE. UU. acentuou-se ainda mais.

Qual foi, por exemplo, o primeiro passo dado pelos norte-americanos, na ONU, em relação à guerra da Coréia que eles mesmos desencadearam? Todos sabem que o primeiro passo dos EE. UU. nesse assunto foi exigir do Conselho de Segurança, reunido ilegalmente sem a presença da URSS e da China, que apoiasse a intervenção americana na Coréia, ordenada por Truman antes de qualquer consulta à primeira atitude soviética da ONU.

Contrariamente, qual foi a primeira atitude soviética no mesmo assunto? É sabido que, no próprio dia em que assumiu seu posto no Conselho de Segurança, em agosto de 1950, poucos dias depois do início da guerra da Coréia, Malik, representante soviético, apresentou uma proposta de paz, a proposta de que a ONU decretasse a suspensão das hostilidades e a retirada das tropas estrangeiras da península coreana.

De então para cá, sem o menor desfalecimento, a União Soviética continuou sempre a defender uma política de solução pacífica do conflito. Também não é segredo para ninguém que foi na base de uma nova proposta de Malik, 23 de junho de 1951, que se tornou possível a abertura de negociações de paz, iniciada pela suspensão do fogo.

QUEM LUCRA COM A GUERRA

Quando aceitaram negociar o encerramento das hostilidades, os americanos eram movidos por dois propósitos. Diante da fragorosa derrota militar de seus exércitos, necessitavam reaparelhar-se para o recrudescente da luta; a bancarrota a que foram conduzidos por sua política belicista exigia, por outro lado, uma satisfação à opinião pública que reclamava por-se termo ao derramamento de sangue. Cuidaram, portanto, de aumentar seu poderio militar e de enganar aos povos, simulando desejos de paz.

Mas era evidente desde o primeiro instante, que os americanos não queriam sinceramente a paz. Os monopólios americanos ganharam rios de dinheiro com a guerra da Coréia. Em 1951, ano em que se



Dois homens, duas políticas:

quais a guerra na Coréia representa uma chuva de ouro para os imperialistas dos Estados Unidos, para os quais a guerra na Coréia representa uma chuva de ouro; à direita, o ministro do Exterior da União Soviética, Andrei Vishinski, que defende na ONU a política de paz da URSS e propôs a cessação imediata do fogo na Coréia, como passo decisivo para o armistício. Os povos estão com a proposta de Vishinski, que desfralda a bandeira da paz e se

à esquerda John Foster Dulles, secretário de Estado norte-americano, e a. l. dos provocadores de guerra lanqueados por voz dos imperialistas dos Estados Unidos, para os quais a guerra na Coréia representa uma chuva de ouro; à direita, o ministro do Exterior da União Soviética, Andrei Vishinski, que defende na ONU a política de paz da URSS e propôs a cessação imediata do fogo na Coréia, como passo decisivo para o armistício. Os povos estão com a proposta de Vishinski, que desfralda a bandeira da paz e se

7 DIAS NO BRASIL

FEVEREIRO

- 25 — Repetiu no Parlamento a denúncia do deputado Roberto Morena de que foram embarcadas ilegalmente em fevereiro, 1.000 toneladas de areias monazíticas para os Estados Unidos. No Senado, o sr. Brígido Tinoco apresentou um requerimento de informações ao Ministro da Agricultura.
- Chegaram ao Rio doze oficiais norte-americanos, capitaneados pelo major-general Lucas V. Bea. Sua verdadeira missão não foi divulgada, mas «coincide» com a votação a toque de caixa do «acôrdo» militar na Câmara. Anuncia-se que outros gangsters fardados virão, com vistas à ocupação militar do país. A luta contra o «acôrdo» de colonização, porém, ainda não chegou ao fim...
- 26 — A Câmara aprovou a convocação do sr. Lafer, Ministro da Fazenda, a fim de que dê explicações sobre a negociação do algodão. O líder do governo era contra, mas os getulistas acabaram aprovando a convocação e «desancando» o ministro. Lafer agiu por ordem de Getúlio, que lhe deu mão forte na divergência com Jafet; os que atacam o ministro também o fazem por ordem de Getúlio, que está com todos eles. O governo apodrece, tentando se vender e vender o país aos banqueiros lanques.
- 27 — Fracassou um golpe fascista na justiça militar. O Conselho Especial de Justiça da Segunda Auditoria da Aeronáutica, premido pela verdade e pela opinião pública, negou prisão preventiva a 12 militares patriotas processados na 5ª Zona Aérea, no Rio Grande do Sul. Entre os libertados figuram dois maiores. Sua cada vez mais forte exigência popular — Liberdade para os militares patriotas!
- Cerca de dois mil marceneiros desfilaram pelas ruas centrais de São Paulo, exigindo aumento de salário e outras reivindicações urgentes. Os operários foram até o sindicato dos patrões, entregando-lhes suas exigências. Os patrões prometeram «estudar», para ganhar tempo, mas os marceneiros prosseguem na luta, pondo de lado a aplicação da justiça do trabalho.

MARÇO

- 1 — Em entrevista à imprensa, o gal. Felcissimo Cardoso anunciou a entusiástica adesão do Centro Nacional de Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional, que preside, à grande Convenção Nacional contra o Acôrdo Militar, a inaugurar-se no próximo dia 14. «Defenderemos intransigentemente o Brasil — disse o ilustre militar — e não permitiremos que o transformem em verdadeira e completa colônia dos Estados Unidos da América do Norte ou de qualquer outro país».
- Novo e escandaloso atentado às liberdades públicas praticado pelo governo. O gal. Artur Carnealva, o professor Walmor Barreto e outras pessoas foram presos por um bando de «tiras» na Bahia, quando se dirigiam para Feira de Santana, onde o general proferiria uma conferência pública. A audácia da polícia de Getúlio e do desmoralizado Regis Pacheco só se explica pelo fato de atentado ter sido ordenado diretamente pela embaixada americana. A violência revoltou a todos os patriotas que acham que um honrado oficial do exército e homens de bem não podem ficar a mercê de bandidos a serviço do opressor estrangeiro.
- 2 — Obediente e servil ante o apodamento da embaixada americana, a Mesa da Câmara dos Deputados encerrou abruptamente a segunda discussão do «Acôrdo Militar». Consumada a sordida manobra, Morena advertiu que a discussão podia estar encerrada na Câmara, mas prosseguiria na rua.
- 3 — Um marechal, um almirante, nove generais e dezenas de deputados, intelectuais e outras personalidades de todo o país divulgam o manifesto de apoio à Convenção Nacional Contra o Acôrdo Militar Brasil-Estados Unidos. Depois de re- cordar as características criminosas do acôrdo infame, manifestam os signatários sua confiança no sucesso do conclave «que terá o êxito que sempre alcançaram os movimentos que caracterizam o amor do nosso povo à Liberdade e ao Progresso».
- Os jornais apresentaram o empréstimo de 300 milhões dos banqueiros americanos para pagar as dívidas aos exportadores americanos, como «boa vitória de Vargas». Entretanto, trata-se de mais uma negociação em favor dos imperialistas, em que o governo transaciona mais uma vez com a soberania nacional e cava a ruína do país. Quem diz isso? — os próprios homens do governo. Assim, Napoleão Alencastro, amigo íntimo de Getúlio e procer do PTB, disse no Senado que, nas condições em que foi feita a coisa, «em três anos não vamos conseguir nem sequer pagar os juros desse empréstimo».



O general Peng-Teh Hwai, comandante dos heroicos voluntários chineses na Coréia, lê com humor um jornal mural feito pelos próprios soldados na frente de batalha, enquanto um combatente observa sorridente a cena. Peng-Teh-Hwai, como o governo de sua Pátria está disposto a deixar a Coréia com os voluntários sob seu comando. Os americanos, contudo, não desejam a paz nem a retirada das tropas: pelo contrário, ameaçam entregar ao bandido Chiang-Kai-Shek os prisioneiros chineses que têm sobrevivido aos massacres realizadas pelos norte-americanos

CESSAR FOGO, CONDIÇÃO ESSENCIAL PARA A PAZ

A troca de prisioneiros está longe de ser o aspecto mais importante da questão coreana. O mais importante é cessar o fogo, impedir que morra mais alguém na carnificina coreana.

Por isso mesmo, a proposta da URSS parte da cessação de fogo.

Mas os norte-americanos não somente retornam à luta. Cuidam de ampliá-la como indica toda sua atuação. A mensagem de Eisenhower, que é um programa declarado para a conquista do mundo, foi segui-

da e precedida de atos concretos visando à extensão da guerra. Foster Dulles declarou recentemente que se encara seriamente a possibilidade de bloquear a China; altas patentes militares da camarilha de Chiang Kai Shek chegaram aos EE.UU. nos dias seguintes ao da mensagem; Juin, o carrasco francês da Indochina, esteve pessoalmente na Coréia. Ao mesmo tempo, os lanques ampliam sua guerra química e bacteriológica e voltam a ameaçar com a bomba atômica.

DERROTAR O ACÔRDO E EXIGIR O ARMISTÍCIO

Esta claro que para estender a guerra os multi-milhões americanos necessitam de mais recursos e de mais homens. E' por isso que hoje, mais do que nunca, aumentam a pressão sobre todos os países a eles submetidos, no sentido de aprovarem acôrds militares, enviarem tropas, entregarem por qualquer preço suas riquezas naturais. E' por isso que Getúlio, laçao dos norte-americanos, chefe mais importante dos traidores de nossa pátria, ordenou aos seus deputados que aprovassem imediatamente o infame Acôrdo Militar Brasil-Estados Unidos que nos pretende transformar em um novo Porto-Rico.

Os paus-mandados da Embaixada Norte-Americana iniciaram, ao mesmo tempo, a farsa do voluntariado, destinada ao preparo psicológico da opinião pública para o envio de tropas. Os generais fascistas, como Cordeiro de Farias, manifestaram-se abertamente pela participação do Brasil numa guerra injusta que nosso povo repele e nossa Constituição proíbe.

A questão do armistício da Coréia não é portanto uma questão alheia aos interesses de nosso povo. O rompimento das negociações e desencadeamento de novas operações militares na Coréia constituem o processo pelo qual os trustes norte-americanos pretendem ampliar o conflito para o qual exigem o sangue e a vida de nossa mocidade, e a riqueza imensa de nossa terra.

Por isso, lutar pelo armistício, exigindo que nossa delegação na ONU apole as propostas da URSS e da Polónia é um dos melhores meios de nos batarmos contra o Acôrdo Militar. E, inversamente, a pressão de todos os patriotas contra esse documento de opressão é um dos processos mais eficazes de contribuirmos para a suspensão do fogo, para o estabelecimento da paz por que aspira nosso povo e que é o anseio de toda a humanidade progressista.



Em seu número de 16 de dezembro último, a revista americana «Life» publicou vários desenhos como o que se vê acima, de autoria de soldados americanos na Coréia. Acompanhando o desenho vem a seguinte legenda: — Que procuram vocês da patrulha? A 3ª Companhia? Sou eu...



Este patriota coreano foi fuzilado após haver sofrido inenarráveis torturas por parte dos invasores norte-americanos. Os povos exigem a paz na Coréia também para que cessem bestialidades como esta.

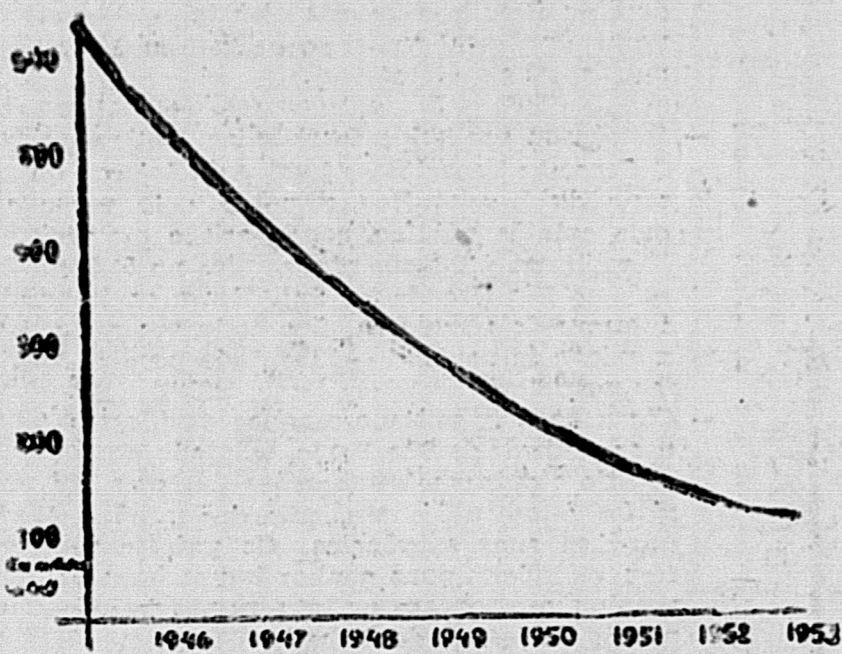
Racionamento do Ensino

NESTE mês de março se iniciam os cursos escolares, após as férias de fim de ano. Em nosso rico e vasto país, e jovens constituem ponderável parcela da população. Há cerca de 16 milhões de brasileiros. Este número sugere que na presente época o alegre reboliço deveria existir em nossas grandes cidades, como nas pequenas vilas, e alvoroço típico dos jovens que dão os primeiros passos para a vida.

Desgraçadamente, a realidade é bem outra. Em milhões de lares predomina um sentimento diverso. Para a esmagadora maioria de nosso povo este mês é como outro qualquer. A instrução para os filhos é uma perspectiva remota, é uma porta trancada. O desejo de ver os filhos transformados em homens cultos é irrealizável e não sobrevive à preocupação diária para obter o pão ou o trabalho.

Os números são expressivos: de cerca de 6 milhões de crianças entre 7 e 11 anos, apenas há escolas para 3 milhões. A soma das demais é crescer analfabetas. E entre 10 milhões e 500 mil jovens entre 11 e 18 anos somente 500 mil frequentam ginásios, cursos comerciais, pedagógicos ou industriais. Não é, pois, de esbantar que em nossa pátria existem 29 milhões de analfabetos, cerca de 7 milhões mais que os encontrados no recenseamento de 1940, evidenciando que o analfabetismo cresce de ano para ano.

AS VERBAS OFICIAIS PARA O ENSINO PRIMÁRIO CRESCEM COMO RABO DE CAVALO...



O DESCALABRO NO ENSINO PRIMÁRIO

Nos dias de hoje, o ensino primário é obrigação básica de qualquer governo. No Brasil, entretanto, que sucede? As verbas destinadas ao ensino primário diminuem de ano em ano, enquanto as verbas militares crescem nos saltos de um orçamento para outro. Quando se discutia a lei de meios de 1953, o relator do orçamento do Ministério da Educação e Saúde, deputado Leite Neto, do PSD, foi forçado a focalizar a disparidade gritante: «Com apenas um corte suave de 10% sobre as despesas com a segurança nacional poderíamos construir 15.000 ESCOLAS RURAIS, que, disseminadas pelo interior do Brasil, poderiam ministrar ensino rural a UM MILHÃO DE CRIANÇAS, o que representaria, indiretamente, valioso concurso para a solução dos nossos problemas de segurança nacional». (Os destaques são nossos). Contudo, nem mesmo essa pequena redução foi feita. Proposta pelo deputado Lobo Carneiro, coube ao próprio Leite Neto rejeitá-la... O resultado de tal política não poderia ser outro: no Distrito Federal, em plena Capital da República e sede do governo federal, onde a Prefeitura realiza uma arrecadação somente inferior à do Estado de São Paulo e maior que a de qualquer outra unidade da Federação, existem 120 mil crianças sem acesso às escolas, que crescem analfabetas. A confissão foi de então o efeito João Carlos Vital. Diante disso, não pode causar qualquer admiração o fato de que em Alagoas 75 por cento da população sejam analfabetos e que na Bahia, de 550 mil crianças, 400 mil não tenham acesso.

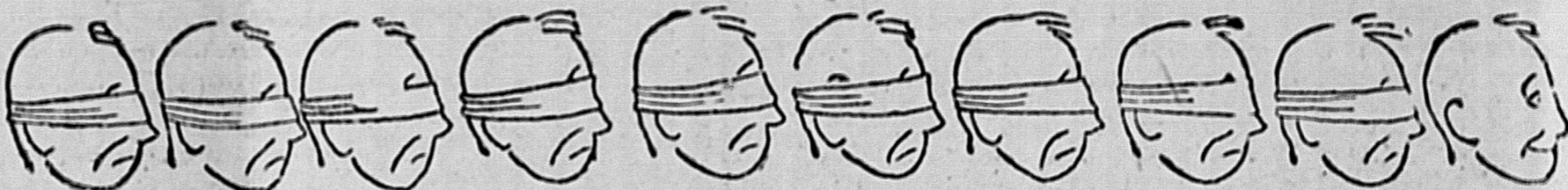
E OS QUE PODEM ESTUDAR?

Como se apresenta este mês de março para o reduzido número dos que estudam, e se tornam, assim, uma minoria privilegiada? Tampouco para estes as coisas se oferecem risonhas. Raro é o pai ou a mãe de família que não vê com apreensão o início dos cursos. São novos e sérios problemas que se juntam aos do dia a dia. De um lado, a necessidade de proporcionar instrução aos filhos; de outro as dificuldades de toda ordem com as vagas, com a matrícula, com as taxas escolares, com o fardamento, os livros, o transporte.

No Distrito Federal há apenas dois grandes estabelecimentos secundários oficiais: o Colégio Pedro II, instituição-padrão para o curso secundário no Brasil, e o Instituto de Educação. Como todos os anos, por esta época se realizam exames de admissão aos dois estabelecimentos. Ao Pedro II se apresentaram cerca de 2.700 candidatos. As vagas

RECONHECEU O DEPUTADO LEITE NETO, DO P.S.D.: "COM APENAS UM CORTE SUAVE DE 10% SOBRE AS DESPESAS COM A SEGURANÇA NACIONAL PODERÍAMOS CONSTRUIR 15.000 ESCOLAS RURAIS, QUE, DISSEMINADAS PELO INTERIOR DO BRASIL, PODERIAM MINISTRAR ENSINO RURAL A 1 MILHÃO DE CRIANÇAS" ... E NUM PAÍS ONDE O ANALFABETISMO CRESCE E ATINGE QUASE 30 MILHÕES DE PESSOAS, A REDUÇÃO FOI SUMARIAMENTE REJEITADA

Reportagem de Josué ALMEIDA



De cada 10 brasileiros apenas um frequenta cursos primários, secundários ou superiores

do 500. No Instituto de Educação a porta de entrada é ainda mais estreita: para as 2.854 candidatas não há mais de 100 vagas.

POUCOS SÃO OS QUE PODEM PAGAR

É certo que há uma boa quantidade de estabelecimentos particulares. Contudo, os altos preços cobrados — que transformam o ensino numa rendosa indústria — tornam-nos praticamente inacessíveis para a esmagadora maioria da população. As taxas e anuidades são aumentadas sucessivamente, a pretexto de melhorar os vencimentos dos professores, apesar de que nos últimos oito anos os professores receberam apenas dois aumentos e as taxas não cessaram de subir. O Ginásio «Paradise», desta capital, por exemplo, aumentou os preços das mensalidades de 250 para 420 cruzeiros, de 1951 para cá. Além disso, há as outras despesas, comuns a qualquer estabelecimento particular ou oficial. Em salas, blusas, roupas de ginástica, meias, calçados, jaqueta, livros, cadernos, etc. uma aluna do colégio «Arte e Instrução», também do Distrito Federal, despendeu cerca de 2 mil cruzeiros.

Calcula-se que a despesa média com a educação absorve dois por cento de cada orçamento doméstico. O salário mínimo no Distrito Federal, o

mais elevado do Brasil é de 1.200 cruzeiros. Teremos, pois, para as despesas de educação, 24 cruzeiros no orçamento de um trabalhador que recebe o salário mínimo, no D.C. Se ele tiver dois filhos pagará a cada um 12 cruzeiros, se tiver três filhos a cada um de 8 cruzeiros... Não dá, em qualquer caso, nem mesmo para o transporte. Drama terrível é também o da classe média, que se vê com desespero ministrar cada vez mais as possibilidades de transformar seus filhos em cidadãos instruídos.

QUANTO CUSTA UM CAÇA?

O preço de um avião de caça, atualmente, é de 375 mil dólares. O governo brasileiro acaba de comprar na Inglaterra 70 desses aviões. Além de ser um passo a mais na preparação guerreira, a transação foi apontada publicamente como uma negociação. Pois bem. Calculando-se o dólar pelo câmbio oficial (cerca de 20 cruzeiros um dólar), teremos aí um dispendio de mais de 525 milhões de cruzeiros, que se vão somar aos quase 10 bilhões de cruzeiros já consignados no orçamento para fins militares. Ou representa esses 525 milhões? Quase o dobro de todas as verbas destinadas pelo governo, em 1953, para o ensino secundário, as quais montam a menos de 300 milhões. É esnartoso, mas é a política de guerra de Getúlio retratada de corpo inteiro.

ABAIXO DA INDIA, DA TURQUIA E DO EGITO

A imprensa de aluguel costuma falar com certo desdém da Índia, da Turquia, do Egito, como países sub-desenvolvidos, dando ao Brasil uma posição de pretensa superioridade. A realidade é que tanto a Índia, como a Turquia e o Egito, países de fato atrasadíssimos, apresentam índices educacionais superiores aos do Brasil! Na Índia, para cada 10 mil habitantes há 9 universitários; no Egito e na Turquia esse índice é de 12 por 10 mil. Já não falamos dos países da Europa Ocidental, da Dinamarca ou da França, por exemplo, onde, entre cada 10 mil pessoas, 34 e 36, respectivamente, são universitários. Muito menos fazemos uma comparação com as florescentes repúblicas soviéticas, a Turquia e o Usbequistão, por exemplo, onde há 30 anos cam-

peava o mais negro analfabetismo e hoje apresentam o elevado índice de 60 e 71 universitários, respectivamente, para cada 10 mil almas.

No Brasil, para cada 10 mil habitantes, há apenas 7 universitários, na proporção fornecida pelo último censo; 40 mil estudantes superiores em 52 milhões de habitantes.

Que se passa? Os nossos jovens não desejam estudar, não querem adquirir instrução superior? A verdade é o contrário. O número de rapazes e moças que se candidatam aos vestibulares, notadamente nas carreiras técnicas, cresce de ano para ano. É bem certo que representam uma insignificância em relação aos que ingressam no ginásio e mesmo ao pequeno número dos que conseguem concluir o curso secundário. Ainda assim, são ceifados em massa nos vestibulares, vêem destruídas nos poucos dias que duram os exames, formosas esperanças que cultivaram durante longos meses e anos. E os que conseguem furar a barreira? Muito poucos chegam ao fim... Dos 22.300 universitários que se matricularam em 1938, apenas 5.883 se formavam em 1942 — isto é, cinco anos depois. Sem recursos para viver, trabalhando e estudando em sua maioria, viram-se frente à alternativa: estudar ou trabalhar? Só uma quarta parte, como se vê, pôde optar por um futuro melhor.

HÁ POUCOS DOUTORES NO BRASIL

Há doutores? Há mais no Brasil, costumam gritar certos cavalheiros. Como ficou visto, a afirmativa não corresponde à realidade. É falsa. E a quem interessa? Interessa aos latifundiários: não é preciso saber o b-a-ná para ser explorado de sol a sol, num cabo de enxada em qualquer grande fazenda. Por isso, menos de 10 por cento das crianças que entram nas escolas primárias concluem o curso. Interessa aos grandes capitalistas, que o operário instruído é um obstáculo à exploração e aos salários de fome nas grandes empresas. Interessa ao governo, que se agarra como um naufrago cansado a qualquer pretexto para justificar o criminoso desvio das verbas de educação para fins militares.

Do herói moicano Juarez são estas sábias palavras: «O homem que não pode dar alimento à família, vê a educação dos filhos como um obstáculo à luta. Elimina-se a pobreza e a educação seguirá em forma natural...»

Miséria e preparação guerreira, regime de atraso progressivo e governo que

se compromete com aventuras guerreiras dos americanos — eis as grandes barreiras que se erguem diante da enorme sede de saber do nosso povo.

HOMENS CULTOS OU CARNE PARA CANHAO?

Na mocidade brasileira o regime e o governo que o defende não procuram ver os futuros homens cultos que terão amanhã sobre seus ombros a responsabilidade pelo progresso da nossa Pátria. Eles não vêem os jovens na plenitude de sua saudável alegria. Vêem o material humano pronto para morrer integrando os milhares «voluntários» que os militares fascistas de Washington, ora no Brasil, vieram buscar, em troca dos 300 milhões emprestados. Vêm as forças armadas para a ONU, como exigiu testualmente o Acordo Militar.

O C.P.O.R., pelo qual são obrigados a passar todos os jovens universitários, teve seu tempo reduzido para dois anos. Getúlio quer formar oficiais da reserva em massa para arrastá-los na guerra, com um adiantamento tão criminoso que se multiplicam os acidentes fatais, como o que, há um mês, eliminou onze vidas no CPOR de Porto Alegre.

OS JOVENS NÃO SE CURVAM

Os jovens, contudo, não aceitam essa situação e lutam por modificá-la. Pugnam pela redução das taxas escolares, pelo aumento das verbas destinadas à educação, pela paz, que é a primeira condição para a cultura e o saber. Nessas lutas está vitalmente interessado todo o nosso povo, que deseta para seus filhos um futuro radioso e feliz e não a morte sem sentido ou uma invalidez brutal em único e exclusivo proveito dos capitalistas americanos.

Na conferência pelos Direitos da Juventude, realizada em janeiro último nesta Capital, foi dirigida um apelo a todas as organizações estudantis brasileiras para que lutem pelos seus direitos e pela paz. A resposta é dada pelos estudantes em cada oportunidade. Há dias, no frote dos calouros em Recife, a farsa do «voluntariado» e o Acordo Militar foram objeto de críticas sarcásticas. E, sintetizando do um flagrante do regime, nada mais adequado que aquele cartaz conduzido pelos calouros, em que aparece o tenente Filipe se lamentando: «A maior injustiça do Brasil: eu não posso estudar e trabalhar...»



A mãe do estudante de medicina Paulo Sérgio Sperb, um dos onze universitários vitimados na tragédia do CPOR de Porto Alegre, chora inconsolável, a perda do filho amado. Na noite de preparar oficiais da reserva em massa a fim de mandá-los para a Campanha Getúlio reduziu para dois anos a duração do CPOR. O resultado não poderia ser diferente.

EM MARCHA PARA O CONGRESSO DA CTAL

Um passo a frente para desenvolver a organização e a unidade de ação dos trabalhadores dos países da América Latina

EM sua última reunião, levada a efeito na cidade do México, no mês de setembro do ano passado, o Comitê Central da Confederação dos Trabalhadores da América Latina decidiu convocar o IV Congresso Geral Ordinário da CTAL, a ser realizado em Santiago do Chile, de 22 a 29 de março do corrente ano.

Nesse importante conclave serão discutidas as mais sentidas questões que preocupam no momento os trabalhadores latino-americanos e pelas quais eles lutam, desde os léxteis brasileiros e argentinos, os mineiros do Chile e da Bolívia, os trabalhadores em petróleo venezuelanos e das plantações de cana em Cuba, como sejam: a luta pelo aumento de salários e contra a carestia de vida, a melhoria das condições de vida dos trabalhadores agrícolas, a ampliação e o aperfeiçoamento da legislação social, a luta pela defesa dos direitos sindicais, da economia e da independência nacional de nossos países e pela aplicação das resoluções do Congresso dos Povos Pela Paz.

O IV Congresso Geral Ordinário da CTAL é assim um Congresso que visa fortalecer a unidade de ação e a organização dos trabalhadores latino-americanos na luta por melhores condições de vida, dentro dos princípios defendidos pela Federação Sindical Mundial, aberto à participação dos trabalhadores de todas as tendências políticas e filiações sindicais. Nesse sentido, o Comitê Central da CTAL convidou a participar do Congresso a ORIT (Organização Regional Inter-Americana de Trabalhadores), filiada à CIOSTIL e a ATLAS (Agrupamento dos Trabalhadores Latino-Americanos Sindicalizados), liderada pela CGT Argentina.

MOBILIZAÇÃO EM TÔDA A AMÉRICA LATINA

Em todos os países da América Latina, mobilizam-se os trabalhadores, tanto das cidades como dos campos, para uma efetiva participação no IV Congresso da CTAL. No Brasil, Guatemala, México, Uruguai, etc., o temário desse conclave tem sido amplamente divulgado em jornais sindicais e populares, em folhetos e volantes, debatido nas reuniões e assembleias de trabalhadores, sendo formadas comissões unitárias, incumbidas

de preparar as respectivas delegações que irão participar do Congresso.

No Chile, o Congresso da CTAL será precedido pela realização de um Congresso Nacional, integrado por representantes de trabalhadores, de diferentes tendências políticas e filiação sindicais, o qual irá criar uma Central Sindical Única, o que constitui uma das mais profundas aspirações dos trabalhadores chilenos.

Ainda recentemente, foi realizada em Santiago do Chile uma reunião conjunta da Confederação dos Trabalhadores Chile, da Confederação

Operária da Bolívia e do Movimento Pró-Democratização dos Sindicatos da Argentina. Essa reunião deliberou saudar o IV Congresso da CTAL como um importante passo para a unificação e o fortalecimento do movimento operário latino-americano.

APOIO DE MAIS DE 100 LÍDERES SINDICAIS

Em nossa pátria, a realização do IV Congresso da CTAL vem despertando um invulgar interesse, pois compreendem bem os trabalhadores brasileiros a importância desse conclave para o desenvolvimento de suas lutas diárias por melhores condições de vida e de trabalho.

No dia 2 de fevereiro, foi realizada no Rio de Janeiro, na Associação Brasileira de Imprensa, uma importante reunião de líderes sindicais e trabalhadores, a fim de eleger a diretoria da Comissão de Iniciativa que patrocinará a ida da delegação brasileira a Santiago do Chile, a qual ficou constituída, entre outros, pelos seguintes dirigentes sindicais: Benjamim Dantas Avila, presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Carris Urbanos do Rio de Janeiro; Rubens Pereira Barros, presidente do Sindicato dos Bancários de Niterói; Waldemar Viana, secretário da Comissão Executiva Nacional da CISCAI; Jocelyn Santos, secretário geral do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio de Janeiro; Roberto Morena, líder

sindical e deputado federal, e Maria da Graça Dutra, secretária geral da Federação Nacional dos Jornalistas.

Até o momento, mais de 100 líderes sindicais de todo o país subscreveram o manifesto lançado pela Comissão de Iniciativa, em apoio ao IV Congresso da CTAL. Já a Federação Nacional dos Jornalistas, na última reunião de sua diretoria, deliberou enviar dois delegados a Santiago do Chile, para participarem do Congresso.

COMISSÕES POR SETOR PROFISSIONAL

No Distrito Federal pode-se facilmente constatar o grande interesse dos trabalhadores pelo IV Congresso da CTAL.

Já foram criadas Comissões de Iniciativa nos seguintes setores profissionais: sapateiros, metalúrgicos, marceneiros e vidreiros. Várias foram as assembleias de Sindicatos, como a dos empregados no comércio hotelário, em casais urbanos e alfaiates, que deram seu apoio ao Congresso.

Os marceneiros, em assembleia de seu Sindicato, elegeram um delegado; os jornalistas ratificaram o ato de sua diretoria, que tinha deliberado enviar dois delegados. Os textéis da fábrica Corcovado, em assembleia no Sindicato, criaram uma Comissão de Iniciativa na empresa, elegendo o operário Luiz Faccioli um dos líderes de sua recente greve, para representá-los no Congresso da CTAL.

Em várias empresas, como a Cermava, Ferro Maleavel, Santa Luzia, Fundação Federal, Elevadores Otis, CISPER, etc., foram realizadas palestras sobre a importância do Congresso e a necessidade dos trabalhadores cariocas enviarem uma numerosa delegação para participar do mesmo.

OPERÁRIOS E CAMPONESES DOS ESTADOS

Em São Paulo, não é menor o interesse demonstrado em relação ao Congresso da CTAL.

Assim, o 1.º Congresso Paulista de Previdência e Seguro Social, realizado no mês de fevereiro, com a participação de delegados de 40 sindicatos da capital e do interior, 3 federações estaduais de sindicatos, 3 associações e um grupo profissional, aprovou um voto de aplausos e solidariedade ao Congresso e à CTAL, como uma demonstração do espírito de unidade e fraternidade que se desenvolve entre os trabalhadores da América Latina.

No Estado do Rio, a Comissão Estadual de Iniciativa vem desenvolvendo grande atividade, contando-se como certa a participação no Congresso da CTAL, entre outros, de representantes dos bancários, ferroviários da Leopoldina, camponeses de Nova Iguaçu e assalariados agrícolas de Campos. Várias foram as assembleias já realizadas em torno do Congresso, destacando-se as dos Sindicatos de Países de Niterói, Trabalhadores em Açúcar e Empregados Rurais de Campos e em quatro usinas

de açúcar dessa mesma cidade.

Já em Minas Gerais, na cidade de Nova Lima, mais de 2.000 operários do Morro da Mina, contando com a adesão unânime da diretoria do Sindicato, deram seu apoio ao Congresso. Na Paraíba, a quase totalidade dos diretores de sindicatos, reunidos em assembleia preparatória do Congresso Estadual de Previdência Social, também se manifestaram no mesmo sentido. Da mesma forma, apoiaram o Congresso dezenas de dirigentes sindicais do Rio Grande do Sul, da Bahia e do Paraná.

TROCA DE EXPERIÊNCIA EM ESCALA CONTINENTAL

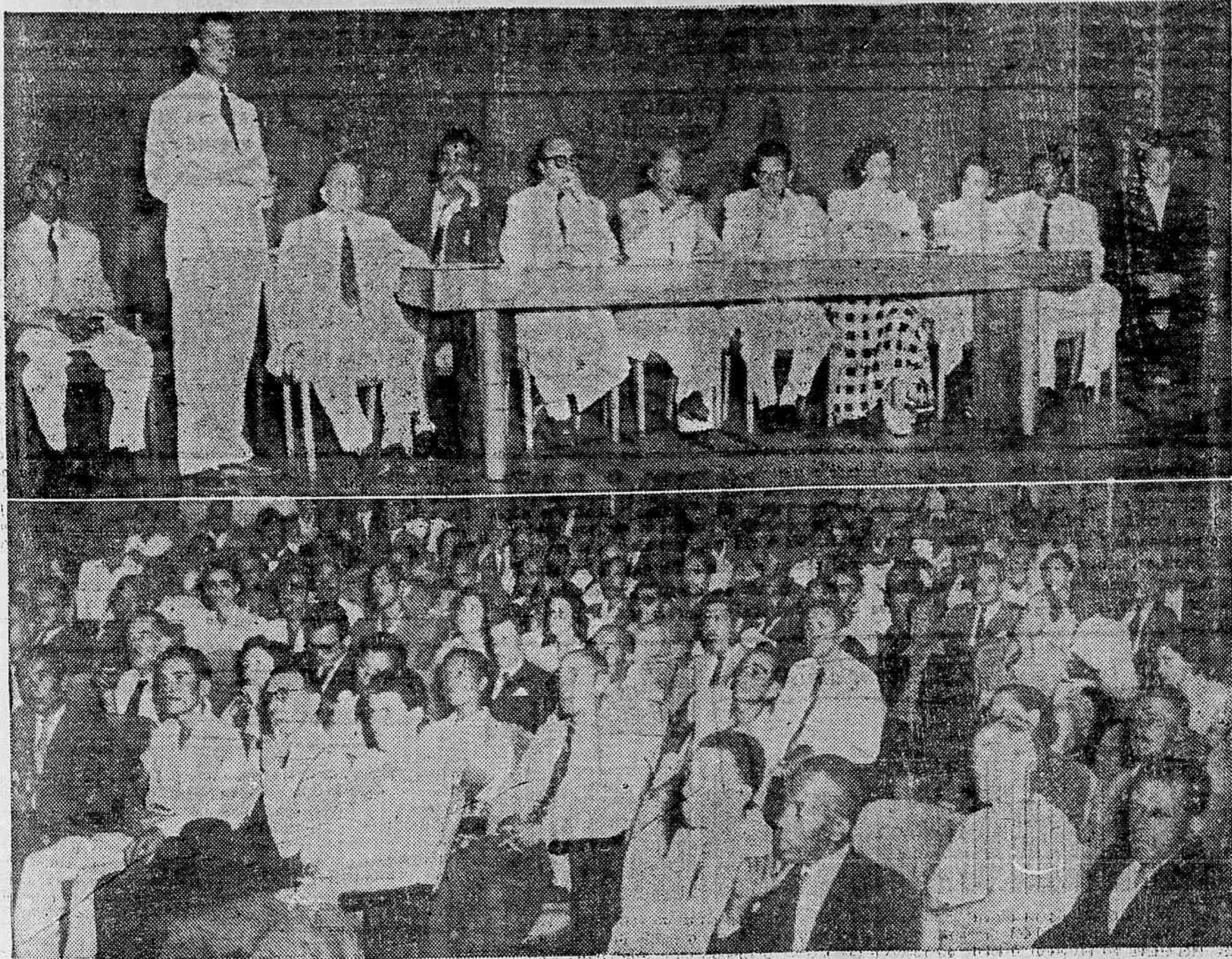
Estamos a poucas semanas da abertura em Santiago do Chile do IV Congresso Geral Ordinário da CTAL. Dentro de poucos dias os trabalhadores da América Latina iniciarão conjuntamente uma discussão ampla e unitária de seus problemas comuns, dos métodos e formas de luta para levar a vitória as suas mais sentidas e imediatas reivindicações.

Desnecessário é acentuar a importância do movimento operário brasileiro no conjunto dos países latino-americanos, a ajuda fraternal que poderemos levar aos nossos irmãos de outros países, através do debate das experiências das lutas dos textéis, metalúrgicos, sapateiros, etc., por aumento de salário; do proletariado gaúcho contra a carestia de vida; da campanha que se desenvolve vigorosamente em todo o país contra o Acordo Militar Brasil-Estados Unidos e o envio de tropas brasileiras para a Coreia.

Igualmente iremos conhecer a experiência de luta e organização dos trabalhadores dos demais países latino-americanos como se forjou a unidade sindical, como foram criadas as centrais sindicais únicas na Guatemala e no Chile; como se desenvolveu a campanha contra o Acordo Militar no Chile e Uruguai; as experiências dos mineiros bolivianos na luta contra o imperialismo americano, enfim, das lutas travadas pelos trabalhadores de todo o continente.

Até agora mais de duas dezenas de delegados ao Congresso já foram eleitos nas fábricas e sindicatos, somente nos Estados de São Paulo e do Rio de Janeiro e no Distrito Federal. Tal fato demonstra, ao mesmo tempo, o interesse despertado entre os trabalhadores pelo Congresso da CTAL e a sua firme decisão de não se deixarem impressionar pelas mentiras e injúrias lançadas pelo Ministério do Trabalho, visando impedir a sua participação nesse importante conclave.

O IV Congresso Geral Ordinário da CTAL será um marco histórico no movimento sindical latino-americano. Neste por cima das fronteiras dos mares, os trabalhadores de todo o continente dar-se-ão as mãos, estreitarão ainda mais seus laços de amizade e fraternidade. Dele, sairão mais robustecidos e experientes, para novas e mais vigorosas lutas por melhores condições de vida e de trabalho, pela liberdade sindical, a defesa da paz e a independência nacional de nossos países.



Os trabalhadores e numerosos líderes sindicais brasileiros apoiam entusiasticamente o Congresso da CTAL. No clichê dois aspectos do ato realizado no Rio, no qual foi eleita a Comissão Central de Iniciativas, que apoia o Congresso: a mesa composta de dirigentes sindicais, que dirigiu o ato e parte da assistência.

TRABALHO E COMIDA PARA OS FLAGELADOS



A seca já se prolonga há três anos numa área habitada por 12 milhões de brasileiros. O flagelo queima a terra e destrói a vida. As plantações morrem, o gado morre, as populações fogem dos seus lares. É o êxodo terrível de dezenas de milhares de retirantes famintos, sedentos, maltrapilhos. Alimentam-se com xique-xique e farinha. As crianças morrem ao longo dos caminhos da desgraça. Por vezes famílias inteiras se desgarram das trágicas caravanas para enterrear seus entes queridos. Vão sendo semeadas de cruzes toscas de pau ressequido as beiras das estradas. Os corpos acompanham os retirantes para disputar-lhes a carniça do gado que morre de sede. Eles carregam os miseros fardos, as pobres trouxas de que lhes sobrou. No seu olhar brilha a chama do ódio aos responsáveis pela calamidade. Três anos de seca e o governo ainda não achou tempo nem meios de socorrê-los.

Mas para os grandes fazendeiros nada falta. Eles é que tiraram proveito dos agudes, para os latifundiários ficaram as terras frescas e irrigadas. São eles que lucram e fazem negociações, extorquindo tudo dos camponeses. Por isso há gado ainda nas suas terras. E os camponeses retirantes não se deixam matar de braços cruzados, lavam as terras, abatem o gado e dão de comer às suas famílias.



A preciação dos famintos aproxima-se das cidades em busca de trabalho e comida. Surgem verdadeiros campos de concentração, onde a fome, a falta de higiene, a falta de assistência médica e de toda espécie ocasionam a morte das crianças sobreviventes da fuga do sertão. Os retirantes reúnem-se diante das prefeituras, assediando os depósitos de víveres, desfilam pelas ruas, tudo fazem para obter do governo pão e trabalho. Em vão. O governo chama a polícia

Os flagelados não podem contar com o governo. As migalhas de auxílio que chegam são como uma gota d'água no oceano. Chegam gêneros podres. Os políticos burgueses e os figurões de cada lugar lançam mão dos alimentos para especular no mercado negro, para explotar e oprimir as populações desesperadas pela fome. Os retirantes se convencem que nada podem esperar desse governo. Verificam que, apesar da calamidade, há armazéns, despensas e mercados bem sortidos, enquanto o povo passa fome. Tudo é guardado para os ricos. Então os flagelados resolvem tomar os alimentos com suas próprias mãos para não morrerem de fome. Assaltam armazéns e mercados e distribuem os víveres, mitigam a fome das mulheres e crianças. Por vezes essas ações são mesmo organizadas. Matar a fome tomando os depósitos dos exploradores não é sa que é a única solução imediata.



Quando a desgraça chega ao ponto mais agudo e os flagelados começam a tomar a comida com suas próprias mãos, o governo corre em socorro dos ricos e latifundiários que tremem de medo. Viajam para o nordeste ministros, técnicos, observadores. Enquanto o povo passa fome e sede eles se reúnem nos palácios das capitais e fazem discursos, fazendo champagne geladinho. Surgem promessas, o governo promete estudar a questão...

É cada vez maior o número de comícios, de assembleias. Os camponeses flagelados pela seca em suas demonstrações deixam bem claro que são gente de trabalho e não mendigos. Querem trabalho, medidas efetivas contra a seca e não esmolas. As oltas publicas do nordeste foram abandonadas mal correu a noticia de que tinha chovido em qualquer parte, lançando ao desemprego centenas de milhares de nordestinos que nelas trabalhavam.

Os retirantes descobrem certas verdades, colhem certas informações importantes sobre as coisas que não sabiam. Por exemplo: verificam que as verbas para o combate às secas, além de muito pequenas, não são empregadas. Mas as despesas militares com a compra de canhões, navios de guerra, aviões a jato aumentam sem parar. Eles protestam contra esse regime de guerra que os condena à fome. A luta contra a seca exige que isso mude, que venha outro regime.

